

Manly P. Hall
(Tradução D. Apellaniz)

Os Ensinos Secretos
de Todas as Eras

(The Secret Teachings of All Ages)

2024

*Um Resumo Enciclopédico da
Filosofia Simbólica Maçônica,
Hermética, Cabalística e Rosacruz*

*Uma interpretação dos
ensinamentos secretos ocultos dos rituais, alegorias
e Mistérios de todas as Eras*

*por
Manly P. Hall*

*Traduzido por
D. Apellaniz*



ATN Editora

Arte e Diagramação: D. Apellaniz

*Ilustração da capa e contracapa: Frontispício da obra
"La Franche-Maçonnerie Rendue à sa Véritable Origine,
ou L'Antiqué de la Franche-Maçonnerie",
do ano de 1814, de Alexander Lenoir*

HALL, Manly P.. Os Ensinaamentos Secretos de Todas as Eras [The Secret Teachings of All Ages]. Tradução: BORBA, Diego Apellaniz. Brasil: Clube dos Autores, 2024.

ISBN 978-65-01-11319-7

1. FILOSOFIA; 2. ESOTERISMO; 3. MAÇONARIA.



2024

DEDICATÓRIA

(Do Autor)

*This book
is dedicated to the rational
soul of the worls*

*[“Esta obra
é dedicada às almas racionais
do mundo”]*

[Manly P. Hall]

DEDICATÓRIA

(Do Tradutor)

*A todos os seres que tornaram
Possível concluir a obra que me foi confiada:*

*“Que o caminho seja brando a teus pés,
Que o vento sopra leve em teus ombros,
Que o sol brilhe cálido sobre tua face,
Que as chuvas caiam serenas em teus campos,*

*E até que de novo nos reencontremos,
Que o Ser Supremo te guarde na palma de sua mão”.*
(Autor Desconhecido)

AGDGADU

D. Apellaniz

NOTAS À TRADUÇÃO

A presente obra “Os Ensinaamentos Secretos de Todas as Eras”, escrita por Manly P. Hall, chegou a meu conhecimento por intermédio de um grande amigo, e Irmão, o qual tanto por esta razão quanto pela sua generosidade em compartilhar o conhecimento, assina o prefácio desta edição em língua portuguesa.

Por anos este livro permaneceu em minha lembrança até que, finalmente, alguns anos depois adquiri um belo exemplar desta obra. Nela, o autor Manly P. Hall compartilha com o leitor inestimáveis e profundos conhecimentos esotéricos, herméticos, maçônicos, etc., acumulados pela humanidade ao longo de Eras. Aliás, diante da presente obra, e de outras escritas por este autor, passei a considerar Manly P. Hall como o maior filósofo - e uma das mentes mais iluminadas - a viver durante o conturbado século XX. Assim, desde que este livro pela primeira chegou às minhas mãos, e diante dos preciosos ensinamentos contidos em suas páginas, sempre me questioneei: como parte dos livres pensadores do mundo poderiam permanecer privados de tão excepcionais conhecimentos apenas por uma barreira linguística? E aos vinte e três dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quatorze iniciei uma jornada fantástica e desafiadora: a tradução do que considero a mais profunda obra escrita no século XX acerca do conhecimento humano Iniciático acumulado em Eras passadas. A tradução durou pouco mais de dez anos, tendo sido concluída aos trinta dias do mês julho do ano de dois mil e vinte e quatro.

A tarefa foi, como referido, desafiadora. Primeiro, porque, por óbvio, todos temos compromissos com aqueles que nos são caros e com nossos deveres profissionais. Segundo, a presente tradução foi realizada palavra por palavra, e não por meio de emprego de tradutores ou aplicativos eletrônicos automatizados. Terceiro, porque a tradução exigiu não apenas o conhecimento da língua original na qual foi escrita a obra [inglês], mas também, e não raro, demandou pesquisas paralelas de termos próprios, nomes de autores, títulos de obras, etc., relativas às diversas escolas filosóficas e de esoterismo que o autor tão bem apresenta no texto. Tais termos e nomes, muito específicos e de divulgação pouco usual, demandaram, com frequência, pesquisas paralelas não somente em dicionários, mas em outras obras filosóficas.

Durante a escrita da obra, em uma demonstração de nobreza de espírito e de generosidade, Manly P. Hall normalmente refere as fontes que o auxiliaram na escrita da obra, citando os nomes dos autores e títulos das respectivas obras consultadas. Desta forma, durante a tradução adotamos o seguinte critério: quando Manly P. Hall cita o nome de uma obra [em inglês] buscamos identificar se esta obra possui versão traduzida para o português. Em caso positivo, apresentamos ao leitor tanto o título original em inglês quanto em português. Assim, manteve-se o que imaginamos ser a ideia original de Manly P. Hall: fornecer ao leitor não apenas o conhecimento contido na obra “Os Ensinaamentos Secretos de Todas as Eras”, mas também proporcionar referências que permitam ao leitor aprofundar ainda mais as próprias pesquisas filosóficas e esotéricas.

Talvez não tenhamos tido o privilégio – ao menos nesta atual breve passagem material – de sermos contemporâneos de um Aristóteles, de um Sêneca, de um Marco Aurélio. Mas temos, sim, hoje, o privilégio de sermos contemporâneos de livres pensadores de igual valor – sejam conhecidos, como no caso de Manly P. Hall, sejam aqueles “anônimos”, cuja genialidade comprovamos por meio da convivência.

Portanto, vá, caro leitor, dizer aos viajantes que por esta obra ousarem navegar: ainda no século XX e XXI livres pensadores sustentam o brilho incandescente do Farol de Alexandria. E assim ele permanecerá nas Eras vindouras, por todos e para todos os que estiverem dispostos a enxergar a sua luz. Que assim seja!

D. Apellaniz

PREFÁCIO

(à edição brasileira)

O Ser dito humano, sempre procurou explicações para todos os fenômenos da natureza, e, em muitos casos, os divinizou, impondo sua visão dos acontecimentos. Esta visão sempre foi aplicada levando em consideração o local, o conhecimento obtido ao longo da história, o movimento político e ético envolvido, muitas vezes por meio de objetivos traçados e planejados.

A história nos mostra que a divinização de fato e/ou a criação dos mesmos, se faz presente ao longo dos tempos. Influenciado por essa necessidade humana, o homem criou e edificou cultos, processos, metodologias, ritos (das mais diversas religiosidades, míticas ou divinas). Para tentar explicá-las, criou símbolos e alegorias, que serviram também para ocultá-las dos olhos dos demais profanos que não detinham o conhecimento necessário para compreendê-las.

Neste livro, traduzido com a visão de quem possui o olhar do conhecimento adquirido e condensado em letras, o tradutor nos leva a vislumbrar e desvendar os maiores Mistérios já criados pelo homem. Uma verdadeira aventura, onde o esoterismo, a magia, a força universal se mostram inteligíveis a nós, seres cosmopolitas.

Com uma profunda espiritualidade, este livro desvenda véus e mistérios que se perpetuaram ao longo dos séculos, demonstrando que existem forças que realmente fazem a diferença na evolução e perpetuação da raça humana.

Porto Alegre, 2024.

CARLOS RENATO HENKE

PREFÁCIO

Inúmeras obras têm sido escritas sobre os sistemas secretos de filosofia existentes no mundo antigo, mas as verdades inexoráveis da vida, assim como muitos dos grandes pensadores do mundo, têm sido comumente retratadas com uma velha roupagem. O presente trabalho é uma tentativa de proporcionar um tomo digno dos profetas e sábios, cujos pensamentos são a essência destas páginas. Para tanto, esta coalescência entre beleza e verdade demonstrou-se árdua, mas acredito que o resultado produzirá, na mente do leitor, um efeito que irá mais do que justificar tal empenho.

O trabalho neste volume começou no primeiro dia do mês de janeiro do ano de 1926 e continuou quase que ininterruptamente pelos dois anos subsequentes. A maior parte do trabalho de pesquisa, contudo, ocorreu anteriormente ao início da escrita deste manuscrito. A coleta do material de referência iniciou-se em 1921 e três anos depois os planos para a elaboração do livro tomaram forma. Por uma questão didática, todas as notas de rodapé foram retiradas e as várias referências a outros autores foram incluídas no corpo do texto em ordem lógica. A bibliografia está apensada para auxiliar aqueles interessados em estudos futuros sobre os mais importantes e destacados itens relacionados à filosofia e simbolismo. Para facilitar o acesso a informações contidas no livro, foi concebido um elaborado índice de tópicos.

Eu não atesto a infalibilidade ou originalidade das declarações aqui contidas. Estudei os fragmentos de textos ancestrais o suficiente para saber que pronunciamentos dogmáticos relativos aos seus princípios são mais do que temerários. O tradicionalismo é o curso da filosofia moderna, particularmente da Escola Europeia. Enquanto muitos dos textos contidos neste tratado possam parecer, a princípio, demasiadamente fantásticos, eu de forma sincera e esforçada procurei me afastar da fortuita especulação metafísica, apresentando o material, na medida do possível, no espírito e não na mera tradução literal dos autores originais. Ao assumir a responsabilidade pelos erros que talvez possam aqui ocorrer, espero me esquivar da acusação de plágio, a qual tem sido direcionada a todo novo aspirante a escritor no campo da filosofia mística.

Não havendo nenhum “ismo” de minha parte para promulgar, não tenho interesse de distorcer os escritos originais para fundamentar ideias preconcebidas, nem de distorcer doutrinas no esforço de reconciliar as irreconhecíveis diferenças presentes nos vários sistemas do pensamento filosófico-religioso.

Toda a teoria deste livro está diametralmente oposta ao método de pensamento moderno, tendo em vista que trata de assuntos amplamente ridicularizados pelos sofistas do século XX. O seu verdadeiro propósito é introduzir a mente do leitor às hipóteses de viver totalmente além dos limites da teologia materialista, da filosofia ou da ciência. A massa de material abstruso contido entre suas capas não é suscetível de organização perfeita, mas tanto quanto possível os tópicos relacionados foram agrupados.

Rica como é a língua inglesa como meio de expressão, é curiosamente carente de termos adequados para traduzir premissas filosóficas abstratas. Uma certa compreensão intuitiva de sutis significados ocultos em conjuntos de palavras inadequadas é necessário, portanto, para o entendimento dos Misteriosos Ensinamentos antigos.

Apesar da maioria dos itens da bibliografia constarem na minha própria biblioteca, eu gostaria de agradecer a assistência prestada pela Biblioteca Pública de São Francisco e Los Angeles, à biblioteca Scottish Rite de São Francisco e Los Angeles [biblioteca do Rito Escocês de São Francisco e Los Angeles], à biblioteca da Universidade da Califórnia em Berkeley e Los Angeles, à Biblioteca de Mecânica em São Francisco, e à biblioteca Teosófica e Krotona, em Ojai, Califórnia. Um especial reconhecimento pela ajuda prestada é devido às seguintes pessoas: Mrs. Max Heindel, Mrs. Alice Palmer Henderson, Mr. Ernest Dawson e equipe, Mr. John Howell, Mr. Paul Elder, Mr. Phillip Watson Hackett, and Mr. John R. Ruckstell. Livros únicos foram cedidos por

outras pessoas e organizações, para os quais deixo aqui também o meu agradecimento.

A questão da tradução foi o grande desafio no trabalho de pesquisa relacionado à preparação deste volume. As traduções alemãs necessárias, as quais demandaram algo em torno de de três anos, foram realizadas por Mr. Alfred Beri, que recusou ser remunerado pelo seu trabalho. As traduções do Latim, Italiano, Francês e Espanhol foram feitas pelo Prof. Homer P. Earle. Os textos hebraicos foram editados por Rabbi Jacob M. Alkow. Traduções variadas e verificações também foram realizadas por várias pessoas.

O trabalho editorial ocorreu sob a supervisão do Dr. C. B. Rowlingson, cujo habilidoso esforço de ordenação literária foi revelado ao encontrar o caos literário. Especial reconhecimento também é devido ao Mr. Robert B. Tummonds, da equipe da H. S. Crocker Company, Inc., a quem foram atribuídas as dificuldades técnicas de ajustar o texto em seu espaço adequado. Durante grande parte deste trabalho literário encantador, também estou em débito com M. M. M. Saxton, a quem o manuscrito foi primeiramente ditado e a quem foi confiado a elaboração do índice. Os magníficos esforços de Mr. J. Augustus Knapp, o ilustrador, que resultaram em diversas ilustrações coloridas, às quais adicionaram, materialmente, beleza e plenitude ao trabalho. A impressão do livro ficou nas mãos de Mr. Frederick E. Keast, da H. S. Crocker Company, Inc., cujo grande interesse pessoal neste volume foi manifestado num esforço incansável pela melhora de sua qualidade. Por meio da amável colaboração de Dr. John Henry Nash, o principal designer de impressão do continente Americano, o livro aparece em uma forma única e apropriada, incorporando os melhores elementos do ofício da impressão.

A venda de pré-publicação deste livro tem sido sem precedentes na história dos livros. A lista de espera pela primeira edição de 550 cópias ficou esgotada um ano depois do manuscrito ser entregue nas mãos do responsável pela impressão. A segunda, ou King Salomon edition [edição Rei Salomão], consistente em 550 cópias, e a terceira, ou Theosophical edition [edição Teosófica], consistente em 200 cópias, foram todas vendidas antes do volume terminado ter sido recebido pela editora. Por ambiciosa a produção, isso constitui um fato único. O crédito por esse extraordinário programa de vendas pertence a Mrs. Maud F. Galigher, que tinha como seu ideal não vender o livro no sentido comercial da palavra, mas sim fazê-lo chegar nas mãos daqueles particularmente interessados no assunto que ele contém. Valiosa ajuda neste aspecto também foi prestada por inúmeros amigos que frequentaram minhas palestras e que, sem compensações, empreenderam e realizaram com sucesso a distribuição deste livro.

Concluindo, o autor deseja reconhecer com gratidão sua dívida impagável para com cada um das centenas de assistentes, cujos pagamentos antecipados a publicação deste fôlio tornou possível. A enorme despesa envolvida estava inteiramente além de meios individuais, e aqueles que investiram no volume não tinham garantia de sua produção e nem outra segurança que não a confiança depositada na integridade do autor.

Espero, sinceramente, que cada leitor desfrute da leitura deste livro como eu desfrutei ao escrevê-lo. Os anos de trabalho e pensamento gastos nele significaram muito para mim. O trabalho de pesquisa me desvendou muitas grandes verdades; escrevê-lo me desvendou as leis da ordem e da paciência; a impressão dele me desvendou novas artes e ofícios; e toda a jornada me desvendou diversos amigos que de outra forma eu talvez nunca viesse a conhecer. E também, nas palavras de John Bunyan:

*"I penned
It down, until at last it came to be,
For length and breadth, the bigness which you see"*

Los Angeles, Califórnia
MANLY P. HALL.
May 28, 1928

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	XIV
1. OS MISTÉRIOS ANTIGOS E AS SOCIEDADE SECRETAS (Que Influenciaram o Simbolismo Maçônico Moderno)	XXXVII
2. OS MISTÉRIOS ANTIGOS E AS SOCIEDADE SECRETAS - Parte 2.....	XLIX
3. OS MISTÉRIOS ANTIGOS E AS SOCIEDADE SECRETAS - Parte 3.....	LXI
4. ATLÂNTIDA E OS DEUSES DA ANTIGUIDADE	LXXII
5. A VIDA E OS ENSINAMENTOS DE THOTH HERMES TRISMEGISTUS.....	LXXXIII
6. A INICIAÇÃO DA PIRÂMIDE	XCIV
7. ÍSIS, A VIRGEM DO MUNDO	CVI
8. O SOL, A DIVINDADE UNIVERSAL	CXIX
9. O ZODÍACO E SEUS SIGNOS	CXXXII
10. A PLACA BEMBINE DE ÍSIS	CXLV
11. AS MARAVILHAS DA ANTIGUIDADE	CLIX
12. A VIDA E A FILOSOFIA DE PITÁGORAS	CLXXII
13. A MATEMÁTICA PITAGÓRICA	CLXXXV
14. O CORPO HUMANO EM SIMBOLISMO	CXCVIII
15. A LENDA HIRÂMICA	CCX
16. A TEORIA PITAGÓRICA DE MÚSICA E COR	CCXXII
17. PEIXES, INSETOS, ANIMAIS, RÉPTEIS E PÁSSAROS - Parte 1.....	CCXXXV
18. PEIXES, INSETOS, ANIMAIS, RÉPTEIS E PÁSSAROS – Parte 2	CCXLVIII
19. FLORES, PLANTAS, FRUTAS, E ÁRVORES	CCLX

20. PEDRAS, METAIS E GEMAS	CCLXXII
21. CERIMONIAL MÁGICO E FEITIÇARIA	CCLXXXIV
22. OS ELEMENTOS E SEUS HABITANTES MÁGICOS	CCXCVII
23. FARMACOLOGIA, QUÍMICA E TERAPIA HERMÉTICAS	CCCIX
24. A CABALA [<i>QABBALAH</i>], A DOCTRINA SECRETA DE ISRAEL	CCCXXI
25. FUNDAMENTOS DA COSMOGONIA CABALÍSTICA	CCCXXXII
26. A ÁRVORE DO SEFIRÓTICA [<i>SEPHIROTH</i>]	CCCXLIII
27. AS CHAVES CABALÍSTICAS DA CRIAÇÃO DO HOMEM	CCCLII
28. UMA ANÁLISE DAS CARTAS DE TAROT	CCCLXIII
29. O TABERNÁCULO DO DESERTO.....	CCCLXXVII
30. A FRATERNIDADE DA ROSACRUZ	CCCLXXXIX
31. AS DOCTRINAS E OS PRINCÍPIOS ROSACRUZES	CDI
32. OS QUINZE DIAGRAMAS ROSACRUZES E CABALÍSTICOS	CDXIII
33. A ALQUIMIA E SEUS EXPOENTES	CDXXII
34. A TEORIA E A PRÁTICA DA ALQUIMIA - Parte 1	CDXLIV
35. A TEORIA E A PRÁTICA DA ALQUIMIA - Parte 2	CDLVIII
36. AS FIGURAS HERMÉTICAS E ALQUÍMICAS DE CLAUDIUS DE DOMINICO CELENTANO VALLIS NOVI, DE UM MANUSCRITO COM ILUMINURAS E ESCRITO EM NÁPOLES NO ANO DE 1606 d.C.	CDLXX
37. AS NÚPCIAS ALQUÍMICAS	CDXCVIII
38. BACON, SHAKSPERE, E OS ROSACRUZES	DX
39. O CRIPTOGRAMA COMO UM FATOR DA FILOSOFIA SIMBÓLICA	DXXII
40. O SIMBOLISMO MAÇÔNICO	DXXXVI
41. A CRISTANDADE MÍSTICA	DXLVII
42. A CRUZ E A CRUCIFICAÇÃO	DLIX

43. O MISTÉRIO DO APOCALIPSE	DLXXII
44. A FÉ DO ISLÃ	DLXXXII
45. O SIMBOLISMO DOS ÍNDIOS NORTE-AMERICANOS	DXCIII
46. OS MISTÉRIOS E SEUS EMISSÁRIOS	DCIV
CONCLUSÃO	DCXV
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA PELO AUTOR POR OCASIÃO DA ESCRITA DA OBRA	DCXXIX

XIV

INTRODUÇÃO

∴

Filosofia é a ciência de estimar valores. A superioridade de qualquer condição ou substância sobre outra é determinada pela filosofia. Ao atribuir uma posição de primária importância para o que permanece quando tudo o que é secundário é removido, a filosofia torna-se, assim, o verdadeiro índice de prioridades ou ênfases no reino do pensamento especulativo. A missão da filosofia, *a priori*, é estabelecer a relação de coisas manifestadas com suas causas ou naturezas finais invisíveis.

“Filosofia”, escreve Sir William Hamilton, “é definida como: a ciência das coisas divinas e humanas, e as causas nas quais elas estão contidas [Cícero]; A ciência dos efeitos pelas suas causas [Hobbes]; A ciência das razões suficientes [Leibnitz]; A ciência das coisas possíveis, na medida em que são possíveis [Wolf]; A ciência das coisas, evidentemente, dedutíveis de primeiros princípios [Descartes]; A ciência das verdades, sensíveis e abstratas [De Condillac]; A aplicação da razão para seus legítimos objetivos [Tennemann]; A ciência das relações de todos os conhecimentos para os fins necessários da razão humana [Kant]; A ciência da forma original do ego ou do “eu” mental [Krug]; A ciência das ciências [Fichte]; A ciência do absoluto [von Schelling]; A ciência da absoluta indiferença entre ideal e real [von Schelling] – ou a identidade de identidade ou não-identidade [Hegel]”. [veja Lições acerca da Metafísica e da Lógica – *Lectures on Metaphysics and Logic*].

Os seis títulos sob os quais a disciplina da filosofia é geralmente classificada são: *Metafísica*, a qual trata temas abstratos tais como cosmologia, teologia, e a natureza do ser [ou existir]; *lógica*, a qual trata das regras que regem o pensamento racional, ou, como tem sido chamada, “A doutrina das falácias”; *ética*, a qual é a ciência da moralidade, responsabilidade individual e preocupação principal com caráter, com

esforço para determinar a natureza do “bom”; *psicologia*, que é voltada a investigação e classificação às formas de fenômenos de origens mentais; *epistemologia*, que é a ciência relacionada, primeiramente, com a natureza do próprio conhecimento e a questão de saber se ele pode existir de uma forma absoluta; e *estética* [*æsthetics*], que é a ciência da natureza e as reações despertadas pelo belo, o harmonioso, o elegante e o nobre.

Platão, considerava a filosofia como o maior bem já concedido pela Divindade aos Homens. No século XX, entretanto, ela se tornou uma estrutura pesada e complicada de noções arbitrárias e irreconhecíveis – ainda que sustentada por uma quase incontestável lógica. Os nobres teoremas da antiga Academia que Jâmblico [*Iamblichus*] comparava ao néctar e ambrosia dos Deuses tem sido tão adulterados pela opinião – a qual Heráclito [*Heraclitus*] declarou ser uma epilepsia da mente – que o hidromel celeste seria bem irreconhecível para este grande neoplatônico. A evidência convincente do aumento da superficialidade do pensamento na ciência e na filosofia moderna está na persistente impulsão ao materialismo. Quando o grande astrônomo Laplace foi questionado por Napoleão do porquê não mencionou Deus em seu Tratado de Mecânica Celeste [*Traité de la Mécanique Céleste*], o matemático ingenuamente respondeu: “Senhor, eu não tinha necessidade dessa hipótese!”.

Em seu Tratado acerca do Ateísmo [*On Atheism*], Sir Francis Bacon sucintamente resume a situação assim: “Um pouco de filosofia leva a mente do homem ao ateísmo; mas ao se aprofundar na filosofia, a mente do homem é levada à religião”. A Metafísica de Aristóteles inicia com as seguintes palavras: “Todos os homens naturalmente desejam saber”. A fim de satisfazer essa necessidade em comum o intelecto humano tem explorado as extremidades dos espaços imagináveis

exteriores e as extremidades dos espaços imagináveis de seu próprio interior, procurando estabelecer a relação entre o “um” e o “todo”; o efeito e a causa; natureza e as bases da natureza; a mente e a fonte da mente; o espírito e o conteúdo do espírito; a ilusão e a realidade.

Um antigo filósofo certa vez disse: “Aquele que não tem sequer o conhecimento das coisas comuns, é um bruto entre os homens. Aquele que tem o conhecimento exato das preocupações humanas por si só, é um homem entre os brutos. Mas aquele que sabe tudo o que pode ser conhecido pela energia intelectual, é um Deus entre os homens”. O Status de um homem no mundo natural é determinado, portanto, pela qualidade do seu pensamento. Aqueles cuja mente estão escravizadas pelos seus instintos bestiais são, filosoficamente, não superiores aos brutos. Aqueles cujas faculdades racionais norteiam os assuntos humanos, é um homem, e aquele cuja inteligência se eleva à consideração das realidades divinas já é um semideus, pois seu ser partilha da luminosidade da qual sua razão o aproximou. Em seu louvor à “Ciência das Ciências”, Cícero é levado a exclamar: “Ó filosofia, guia da vida! Ó pesquisador – de virtude e expulsor de vícios! O que poderíamos nós e os homens de todas as eras sermos sem vós? Vós tendes cidades produzido, tendes conclamado homens dispersos para integrarem a fruição social da vida”.

Na atual Era, a palavra “filosofia” tem pouco significado a não ser que esteja acompanhada de outro termo qualificador. O corpo da filosofia tem sido dividido em diversos “ismos” mais ou menos antagônicos, os quais têm se tornado tão preocupados no esforço de refutar todas outras falácias que os sublimes assuntos de ordem divina e do destino humano sofreram uma deplorável negligência. A função ideal da filosofia é servir como um estabilizador influente no pensamento humano. Pela virtude de sua natureza intrínseca, ela sempre deveria impedir os homens de estabelecer códigos de vida irracionais. Entretanto, os próprios filósofos têm frustrado os fins da filosofia, conduzindo a

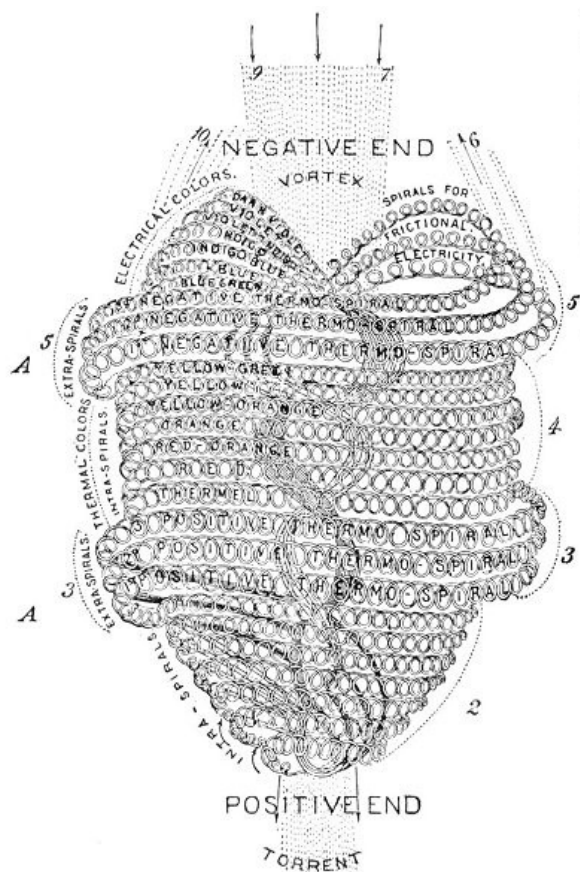
excessos de devaneios mentes destreinadas as quais eles deveriam supostamente levar pelo caminho estreito e reto do pensamento racional. Para listar e classificar algumas, e as mais importantes das novas escolas reconhecidas da filosofia, neste volume não há espaço. A vasta área da especulação abrangida pela filosofia será melhor apreciada após uma breve consideração sobre alguns dos reconhecidos sistemas da disciplina filosófica que agitaram o mundo do pensamento durante os últimos vinte e seis séculos. A escola Grega de filosofia teve seu início com sete pensadores imortalizados, aos quais foi conferida a denominação de *Sophos*, “Os Sábios”. De acordo com Diógenes *Laertius*, estes eram: *Thales*, *Solon*, *Chilon*, *Pittacus*, *Bias*, *Cleobulus*, and *Periander*. A água foi concebida por *Thales*, para ser o princípio ou elemento primário, sobre a qual a Terra flutua como uma água e cujos terremotos são resultados de distúrbios do mar universal. *Thales* era um Jônico [*Ionian*], a escola que perpetuou seus princípios ficou conhecida como “Jônica” [*Ionic*]. Ele morreu em 546 a.C. e foi sucedido por *Anaximander*, que por sua vez foi seguido por *Anaximenes*, *Anaxagoras*, e *Archelaus*, com quem a escola Jônica acabou. *Anaximander*, diferente de seu mestre *Thales*, declarou ser imensurável e indefinível infinito o princípio a partir do qual as todas as coisas foram geradas. *Anaximenes* afirmou ser o “ar” o primeiro elemento do universo; que as almas e até mesmo a própria divindade eram compostas por ele.

Anaxagoras [cuja doutrina dava sinais de atomismo] realizou Deus como uma mente infinita de auto-movimento; essa mente infinita, não inclusa em nenhum corpo, como causa eficiente de todas as coisas; as questões do infinito consistindo em partes similares e tudo sendo feito de acordo com as especificações da mente divina, que quando todas as coisas pela primeira vez se misturaram confusamente, ela veio e reduzi-as à ordem. Arquelau [*Archelaus*] declarou ser o princípio de todas as coisas duplo: mente [o qual era corpóreo] e ar [que é incorpóreo], a rarefação e condensação do último resultando em fogo e água, respectivamente. As estrelas,

XVI

segundo *Arquelau* [*Archelaus*], lugares de queima de ferro. Heráclito [*Heraclitus*] que viveu entre 536-470 a.C. e por vezes é incluído na escola Jônica], em sua doutrina de mudança e fluxo eterno afirmou ser o fogo a primeiro

elemento e também o estado em que o mundo acabaria por ser reabsorvido. A alma do mundo ele considerava como sendo uma emanção de suas partes líquidas e declarou que o fluxo e refluxo do mar seria causado pelo sol.



O Átomo de Babbitt.

Da obra “*Dos Princípios de Luz e Cor*”, de Babbitt [*Principles of Light and Color*].

Desde a postulação da teoria atômica de Demócrito, muitos esforços foram têm sido feitos para determinar a estrutura dos átomos e o método pelo qual eles unem-se para formar os mais variados elementos. A’te a ciência não se absteve de ingressar no campo da especulação e apresenta para consideração as mais detalhadas e elaboradas representações destes minúsculos corpos. Mas, de longe, a mais memorável concepção do átomo desenvolvido durante o último século foi aquele criado pelo gênio Dr. Edwin D. Babbitt, o qual encontra-se aqui reproduzido. O diagrama é autoexplicativo. Deve-se ter em mente que a sua estrutura, aparente maciça, é, na verdade, minúscula quando submetida à análise. O Dr. Babbitt não apenas criou essa forma de átomo, mas também contribuiu para o método pelo qual essas partículas poderiam se agrupar de maneira ordenada resultando, assim, na formação de corpos moleculares.

XVII

Depois de Pitágoras [*Pythagoras*] de Samos, seu fundador, a escola Itálica ou Pitagórica tem como seus representantes mais ilustres Epedocles, Epicharmus, Archytas, Alcmaeon, Hippiasus, Philolaus e Eudoxus. Pitágoras [*Pythagoras*] [580-500? a.C.] acreditava que a matemática era a mais sagrada e exata de todas as ciências, e exigia que todos que viessem a ele para estudar, tivessem familiaridade com aritmética, música, astronomia e geometria. Ele dedicava especial ênfase para a vida filosófica como pré-requisito para a sabedoria. Pitágoras [*Pythagoras*] foi um dos primeiros professores a estabelecer uma comunidade onde todos os seus membros prestavam assistência mútua uns aos outros no objetivo comum de atingir as ciências superiores. Ele também introduziu a disciplina da retrospectão como essencial para o desenvolvimento para a mente espiritual. O Pitagorismo pode ser traduzido como um sistema de especulação metafísica sobre as relações entre números e os agentes causais da existência. Esta escola também foi a primeira a expor a teoria dos harmônicos celestes ou “a música das esferas”. John Reuchlin disse sobre Pitágoras [*Pythagoras*] que ele não ensinava nada a seus discípulos antes da disciplina do silêncio, sendo o silêncio o primeiro rudimento da contemplação. Em seu “Sofista”, Aristóteles credita a Empedocles a descoberta da retórica. Tanto Pitágoras [*Pythagoras*] quanto Empedocles aceitaram a teoria da transmigração, dizendo o último: "A boy I was, then did a maid become; a plant, bird, fish, and in the vast sea swum.". A Archytas é creditada a invenção do parafuso e do guindaste. O prazer ele declarou ser uma peste, pois este se oporia à temperança da mente; ele considerava que um homem não equivocado é tão raro quanto um peixe sem ossos.

A seita Eleática foi fundada por Xenófanés [*Xenophanes*] [570-480 a.C.], o qual era notável por seus ataques às fábulas cosmológicas e teogônicas de Homero e Hesíodo. Xenófanés [*Xenophanes*] declarou que Deus era “um e incorpóreo, em substância e número redondo, de maneira nenhuma

assemelhando-se ao homem; que Ele é todo visão e todo audição, mas não respira; que ele é todas as coisas, a mente a sabedoria, não gerado, mas eterno, impassível, imutável e racional”. Xenófanés [*Xenophanes*] acreditava que todas as coisas existentes eram eternas, que o mundo não tinha começo ou fim, e que tudo o que foi gerado estava sujeito à corrupção. Ele viveu até idade avançada e conta-se que teve que enterrar seus filhos com as próprias mãos. Parmenides estudou sob a tutela de Xenófanés [*Xenophanes*], mas nunca aderiu completamente a sua doutrina. Parmenides declarou que os sentidos são incertos e que a razão como único critério da verdade. Ele foi o primeiro a afirmar que a terra é redonda e também dividiu sua superfície em zonas de calor e frio.

Melissus, que faz parte da escola Eleática, tinha muitas opiniões em comum com Parmenides. Ele dizia ser o universo imutável porque, ocupando todos os espaços, não havia lugar para o qual ele poderia ser movido. Ainda, ele rejeito a teoria de vácuo no espaço.

Zeno [Zenão], de Elea, também sustentou que o vácuo não poderia existir. Rejeitando a teoria do movimento, afirmava que havia um só Deus, que era um ser eterno e não gerado. Assim como Xenófanés [*Xenophanes*], concebia a divindade como tendo formato esférico. Leucippus defendia que o universo consistia em duas partes: uma cheia e a outro um vácuo. Do infinito, uma série minúsculos corpos fragmentados desceram para o vácuo, onde, através de uma agitação contínua, organizaram-se em esferas de substância.

O grande Demócrito [*Democritus*], de certa forma, ampliou a teoria de Leucipo [*Leucippus*]. Demócrito [*Democritus*] declarou que o princípio de todas as coisas é duplo: átomos e vácuo. Ambos, afirmou ele, são infinitos – átomos em números, vácuo em magnitude. Assim, todos os corpos devem ser compostos de átomos e vácuo. Os átomos possuiriam duas propriedades, forma e tamanho, ambos caracterizados por variedades infinitas. Demócrito [*Democritus*] concebia a

XVIII

alma como composta de átomos espirituais. Aristóteles sugere que Demócrito [*Democritus*] obteve sua teoria atômica de teoria pitagórica da Mônada [*Pythagorean doctrine of the monad*]. Entre os Eleáticos incluem-se também Protágoras e Anaxarco [*Protagoras e Anaxarchus*].

Sócrates [469-399 a.C.], fundador da deita Socrática, sendo fundamentalmente um cético, não impunha sua opinião sobre outros, mas sim por meio de questionamentos, levando cada homem a dar expressão para sua própria filosofia. De acordo com Plutarco, Sócrates concebia todo lugar como apropriado para atingi-la que todo o mundo seria uma escola da virtude. Ele defendia que a alma existia antes do corpo e, antes de imergir nele, era dotado como todo conhecimento; que quando a alma passava para a forma material tornava-se estupefata, mas que através de discursos sobre objetos sensíveis poderiam dar causa ao despertar e à restauração de seu conhecimento original. Por essas premissas, ele baseou sua tentativa de estimular o poder da alma através da ironia e do raciocínio intuitivo. Foi dito sobre Sócrates que o único tema de sua filosofia era o homem. Ele próprio declarou a filosofia como o meio da verdadeira felicidade e de propósito duplo: [1] contemplar Deus; [2] abstrair a alma do sentido corpóreo.

Os princípios de todas as coisas, ele concebeu como sendo três: Deus, matéria, e ideias. Sobre Deus, ele disse: “O que Ele é não sei eu; o que Ele não é eu sei.” Matéria ele definiu como o tópico da geração e corrupção; ideia, como substância incorruptível – o intelecto de Deus. Sabedoria ele considerava a soma das virtudes. Entre os proeminentes membros da seita Socrática estavam Xenofonte [*Xenophon*], Schines, Crito, Simon, Glauco, Simmias, and Cebes. O Professor Zeller, grande autoridade em antigos filósofos, declarou recentemente que os escritos de Xenofonte [*Xenophon*] relacionados a Sócrates foram forjados. Quando o livro “As Nuvens” [*The Clouds*], de Aristófanes [*Aristophanes*], uma comédia escrita para ridicularizar as teorias de Sócrates, foi pela primeira vez apresentada, o próprio Grande Cético [Sócrates] participou da brincadeira. Durante a

performance, a qual representava uma caricatura sua sentada numa cesta, no ar, estudando o sol, Sócrates levantou-se calmamente de seu assento para que os espectadores atenienses pudessem melhor comparar suas desinteressantes características com a máscara grotesca utilizada pelo ator que se passava por ele.

A escola Helenística -Pirranista [*Elean*] foi fundada por Pirro de Elis [*Phaedo de Elis*], um jovem de família nobre, que foi comprado da escravidão por instigação de Sócrates a se tornou seu discípulo. Platão admirava tanto a mentalidade de Pirro [*Phaedo*] que deu o nome de um de seus famosos discursos do *The Phaedo*. Pirro [*Pheado*] foi sucedido em sua escola por Plisthenes, que por sua vez foi seguido por Menedemus. Da doutrina da seita Helenística-Pirranista [*Elean*] pouco é sabido. Menedemus, presume-se, tenha se inclinado para os ensinamentos de Stilpo e da escola Megárica. Quando as opiniões de Menedemus eram solicitadas, ele respondia que era livre, sugerindo, assim, que a maioria dos homens eram escravos de suas opiniões. Menedemus aparentemente possuía um temperamento um tanto quanto beligerante e frequentemente retornava de suas palestras com sérios ferimentos. A mais famosa de suas proposições é: aquilo que não é o mesmo é diferente do que com qual não é o mesmo. Isso sendo admitido, Menedemus continua: O bem não é o mesmo que o bom, portanto, o bom não é o bem. Após a época de Menedemus, a escola Helenística-Pirranista [*Elean*] ficou conhecida como Eretriana. Seus expoentes denunciaram todas as proposições negativas e todas as teorias complexas e obscuras declarando que apenas teorias positivas e simples poderiam ser verdadeiras.

A escola Megárica foi fundada por Euclides de Megara [não o célebre matemático], um grande admirador de Sócrates. Os atenienses aprovaram uma lei decretando a morte de qualquer cidadão de Megara encontrado em Atenas. Nada intimidado, Euclides trajava roupas femininas e ia à noite estudar com Sócrates. Após a cruel morte de seu professor, os discípulos de

XIX

Sócrates, temendo um destino semelhante, fugiram para Megara, onde foram entretidos com grande honra por Euclides. A escola Megárica assimilou a doutrina Socrática de que virtude é sabedoria, adicionando a ela o conceito eleático de que a benevolência é unidade absoluta e todas mudanças uma ilusão dos sentidos. Euclides sustentava que o bom não tem oposto e, portanto, o mal não existe. Quando perguntado sobre a natureza dos deuses, declarou ser ele próprio um ignorante de Suas disposições, exceto que Eles odiavam pessoas curiosas.

Os Megáricos são ocasionalmente incluídos entre os filósofos dialéticos. Euclides [que morreu em 374? a.C.] foi sucedido por

Euclides, entre seus discípulos estavam *Alexinus* e *Apollonius Cronus*. *Eufantus*, que foi longo e escreveu muitas tragédias, era o principal seguidor de *Eubulides*. *Diodorus* é usualmente incluído na escola Megárica, tendo ouvido palestras de *Euclides*.

De acordo com a lenda, *Diodorus* morreu de desgosto por não ter conseguido instantaneamente responder a certas questões realizadas a ele por *Stilpo*, mestre da escola Megárica à época. *Diodorus* defendia que nada poderia ser movido, pois, para ser movido, o objeto deve ser retirado do local onde está e posto no local onde não está, o que seria impossível porque todas as coisas devem sempre estar onde elas estão.



Platão

Das Figuras, Grupos, Termas, Fontes, Vasos e outros Ornamentos, da coleção da Thomassin [Recul des Figures, Groupes, Thermes, Fontaines, Vases et autres Ornements].

O nome real de Platão era Aristocles. Quando seu pai o levou para estudar com Sócrates, o grande Cético declarou que na noite anterior ela havia sonhado com um cisne branco, o qual era um presságio de que seu novo discípulo iria tornar-se um dos Iluminados do mundo. Há uma tradição de que o imortal Platão foi vendido como escravo pelo Rei da Sicília.

Os Cínicos foi uma escola fundada por *Antisthenes* de Atenas [444-365? a.C., um discípulo de Sócrates. A doutrina da seita pode ser descrita como um individualismo extremo que considera o homem como existente para si mesmo e defende que ele é cercado por desarmonia, sofrimento e terrível necessidade que podem levar o homem, assim, a se afastar mais completamente de sua própria natureza. Os Cínicos renunciaram a todas as posses mundanas, vivendo em abrigos rústicos a subsistindo de comida grosseira e simples. Partindo do pressuposto de que os Deuses nada queriam, os Cínicos afirmavam que aqueles cujas necessidades fossem mínimas consequentemente estariam mais próximos das divindades. Ao ser questionado sobre o que ganhou com uma vida dedicada à filosofia, *Antisthenes* respondeu que tinha aprendido como conversar com ele mesmo.

Diógenes de Sínope é lembrado principalmente pela banheira no *Metroum*, a qual por muitos anos o serviu como casa. O povo de Atenas amava o filósofo-mendigo, e quando um jovem, apenas por diversão, escavou buracos na banheira, a cidade presenteou Diógenes com uma nova e puniu o jovem. Diógenes acreditava que nada na vida poderia ser justamente realizado sem exercício. Ele sustentava que tudo no mundo pertence ao sábio, uma afirmação que ele provava pela seguinte lógica: “Todas coisas pertencem aos Deuses; os Deuses são amigos das pessoas sábias; todas as coisas são comuns entre amigos; portanto, todas as coisas pertence ao sábio.” Entre os Cínicos encontram-se *Monimus*, *Onesicrito* [*Onesicritus*], *Crates*, *Metrocles*, *Hiparquia* [*Hipparchi*] [casada com *Crates*], *Menipo* [*Menippus*] e *Menedemo* [*Menedemus*].

O secto Cirenaico foi fundado por *Aristipo* de Cirene [*Aristippus of Cyrene*] [435-356? a.C.], disseminava a doutrina do hedonismo. Sabendo da fama de Sócrates, *Aristipo* [*Aristippus*] viajou à Atenas e aplicou-se aos ensinamentos do Grande Cético. Sócrates, aflito pelas tendências voluptuosas e mercenárias de *Aristipo* [*Aristippus*], inutilmente trabalhou para

reformatar o jovem. *Aristipo* [*Aristippus*] distinguia-se por ser consistente em princípio e prática, por ter vivido em perfeita harmonia com sua filosofia de que a conquista do prazer era o objetivo principal da vida. A doutrina dos Cirenaicos pode ser assim resumida: tudo o que é realmente conhecido sobre qualquer objeto ou condição é o sentimento que desperta no homem sua própria natureza. No campo da ética aquilo o que desperta a maior sensação de prazer é, por conseguinte, estimado como o bem maior. Reações emocionais são classificadas como agradáveis ou gentis, ásperas, e vis. O fim da emoção agradável é o prazer; o fim da emoção áspera é a mágoa e o fim da emoção vil, nenhum.

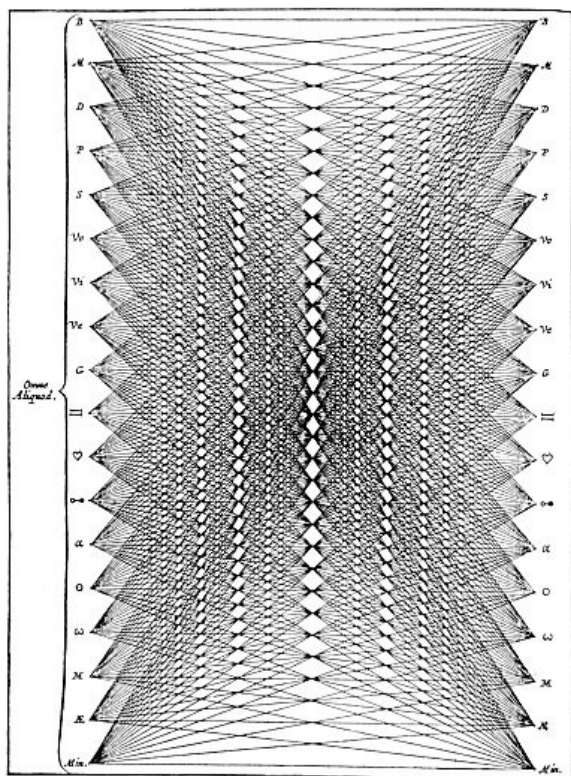
Através da perversidade mental, alguns homens não desejam o prazer. Na realidade, entretanto, o prazer [especialmente o de natureza física] é o verdadeiro fim da existência e supera em todos os sentidos os prazeres mentais e espirituais. O prazer, mais do que isso, é limitado ao momento; agora é o único momento. O passado não pode ser considerado sem pesar e o futuro não pode ser encarado sem receio; por isso nenhum deles conduz ao prazer. Nenhum homem deveria afligir-se, pois o pesar é a mais séria das doenças. A natureza permite ao homem fazer o que deseja; ele é limitado apenas por suas próprias leis e costumes. O filósofo é aquele livre da inveja, amor, e superstição e cujos dias uma longa jornada de prazer. A indulgência foi assim elevada por *Aristipo* [*Aristippus*] a posição principal entre as virtudes. Ele declarou, mais tarde, serem os filósofos diferentes de outros homens, na medida em que por si só não iriam alterar a forma de suas vidas ainda que todas as leis dos homens fossem abolidas. Entre os filósofos proeminentes influenciados pela doutrina Cirenaica estão *Hegesias*, *Aníceris* [*Anniceris*], *Teodoro* [*Theodorus*], e *Bion*.

A escola dos filósofos Acadêmicos, instituída por *Plato* [427-347 a.C.] [Platão] foi dividida em três partes principais – a antiga, a média e a nova academia. Entre os antigos Acadêmicos estavam *Speusippus*, *Xenócrates* [*Zenocrates*], *Polémon* [*Poleman*], *Crates*, e

Crantor. Arcesilau [*Arcesilaus*] instituiu a Academia média e Carneades fundou a nova. O principal entre os mestres de Platão era Sócrates. Platão viajou largamente e foi iniciado pelos egípcios nas profundezas da filosofia Hermética. Ele também era proveniente da doutrina dos Pitagóricos. Cícero descreve a constituição tríplice da filosofia Platônica como compreendendo a ética, a física e a dialética. Platão definiu o bem com um caráter triplo: o bem na alma, expressa através das virtudes; o bem do corpo, expresso pela simetria e resistência de suas partes; e o bem do mundo externo, expresso através da posição pessoal e companheirismo. No livro de *Speusippus*, nas Definições Platônicas, o grande platonista assim define Deus: "Um ser que vive imortalmente por meios que ele provém sozinho; suficiente para sua própria bem-aventurança, a Essência eterna, causa de sua própria bondade". De

acordo com Platão, "the One" [o Uno] é o termo mais adequado para definir o Absoluto, uma vez que o todo precede as partes e a diversidade é dependente da unidade, mas a unidade não o é da diversidade. "The One" [o Uno], aliás, antes de existir [ser], é para ser um atributo ou condição do Uno.

A filosofia Platônica é baseada na postulação de três ordens do ser: o que se move impassível, o que se automovimenta, e o que é movido. Aquilo que é impassível mas se movimenta é anterior ao que é automovido, o que por sua vez é anterior aquilo que é movido. Aquilo cujo o movimento é inerente não pode ser separado de sua força motriz, sendo, portanto, incapaz de dissolução. De tal natureza são os imortais. Aquilo cujo movimento é comunicado através de outro pode ser separado de sua fonte de princípio animador, estando, portanto, sujeito à dissolução.



O Problema da Diversidade

Da obra "Grande Arte da Ciência", de Kircher [*Ars Magna Sciendi*].

No diagrama acima, Kircher organiza dezoito objetos em duas colunas verticais a então determina o número de arranjos em que eles podem ser combinados. Pelo mesmo método, Kircher adicionalmente estimou que cinquenta objetos podem ser arranjados em 1,273,726,838,815,420,339,851,343,083,767,005,515 293,749,454,795,408,000,000,000,000 combinações. Disto, fica evidente que a diversidade infinita é possível, pois inúmeras partes do universo podem ser relacionadas umas às outras em um número incalculável de modos; e por meio desta variação de combinações dessas ilimitadas subdivisões do ser, inevitavelmente deve resultar infinitas individualidades infinitas variedades. Ainda, fica mais evidente que a vida nunca pode se tornar monótona ou exaurir as possibilidades da variedade.

De tal natureza são os seres mortais. Superiores a ambos, mortais e imortais, está a condição que continuamente se move, ainda que seja impassível. Para esta constituição, o poder de continuidade é inerente, sendo, portanto, a permanência do Divino sobre a qual todas as coisas são estabelecidas. Mais nobre até mesmo do que o automovido, o Movedor impassível e o primeiro de todas as dignidades. A disciplina Platônica foi fundada sobre teoria de que aprendizado é reminiscência, ou a condução objetiva de conhecimento formalmente adquirido pela alma a um estado anterior de existência. Na entrada da escola Platônica, na Academia, foram escritas as seguintes palavras: “Que ninguém ignorante em geometria entre aqui”.

Após a morte de Platão, seus discípulos separaram-se em dois grupos. O primeiro, os Acadêmicos, continuaram a se encontrar na Academia, onde inicialmente ele havia presidido; o outro, os Peripatéticos, levado ao Liceu [*Lyceum*] sob a liderança de Aristóteles [385-322 a.C.]. Platão reconheceu Aristóteles como seu maior discípulo e, de acordo com *Philoponus*, referindo-se a ele como “a mente da escola”. Se Aristóteles estivesse ausente nas palestras, Platão dizia: “o intelecto não está aqui”. Sobre o gênio prodigioso Aristóteles, Thomas Taylor escreveu em sua introdução no “A Metafísica”: “Quando nós consideramos que ele era não só muito familiar com todas as ciências, como seu trabalho evidência abundantemente, mas que ele escreveu sobre todo assunto compreendido no círculo do conhecimento humano, e isto com incomparável precisão e habilidade, nós não sabemos qual admirar mais, a penetração ou a extensão de sua mente”. Sobre a filosofia de Aristóteles, o mesmo autor disse: “O fim da filosofia moral de Aristóteles é a perfeição através das virtudes, e o fim de sua filosofia contemplativa, uma união com o princípio único de todas as coisas”.

Aristóteles concebia a filosofia como tendo um caráter duplo: prático e teórico. A filosofia prática engloba ética e política; a filosofia teórica, física e lógica. Metafísica ele

considerava ser a ciência relativa a matéria a qual possui como inerentes o princípio do movimento e a inércia. Para Aristóteles a alma é aquilo pelo qual o homem primeiro vive, sente e entende. Assim, para a alma ele atribuiu três faculdades: nutritiva, sensitiva e intelectual. Ele também considerava a alma em caráter duplo – racional e irracional – e em alguns casos elevava as percepções sensoriais acima da mente. Aristóteles definiu a sabedoria como a ciência das primeiras causas. As quatro maiores divisões de sua filosofia são a dialética, a física, a ética e a metafísica. Deus é definido como o primeiro movedor, o Melhor dos seres, uma substância imóvel, separado das coisas sensíveis, vazio de quantidade corpórea, sem partes e indivisível. O platonismo é baseado em um raciocínio a priori [prévio]; o Aristotelismo, em um raciocínio a posteriori [posterior]. Aristóteles ensinou a seu pupilo Alexandre, o Grande, a sentir que se ele não tivesse realizado uma boa ação, não tinha reinado naquele dia. Entre seus seguidores encontram-se Teofrasto [*Theophrastus*]; Strato; Liceu [*Lyco*]; Aristo; Critolau [*Critolaus*]; Diodoro [*Diodorus*].

Do Ceticismo, como proposto por Pirro de Elis [*Pyrrho of Elis*] [365-275ac] e por Timon, Sexto Empírico [*Sextus Empiricus*] disse que aqueles que procuram devem encontrar ou negar que tenham encontrado ou que possam encontrar, ou perseverar na procura. Aqueles que supõem que tenham encontrado a verdade são chamados Dogmáticos; aquele que pensam ser incompreensível são os Acadêmicos; aqueles que ainda procuram são os Céticos. A atitude dos Céticos com relação ao conhecível é resumido por Sexto Empírico nas seguintes palavras: “Mas a principal base do ceticismo é que, para toda razão, existe uma razão oposta equivalente, o que nos faz deixar de dogmatizar.” Os Céticos eram sérios opositores dos Dogmáticos e agnósticos pois aceitavam teorias de que aceitas acerca da divindade eram contraditórias entre si e indemonstráveis. “Como”, perguntavam os Céticos, “podemos indubitavelmente conhecer Deus, sem conhecer a sua substância, forma ou

XXIII

lugar; porque, enquanto filósofos discordam irreconciliavelmente nestes pontos, suas conclusões não podem ser consideradas como indubitáveis verdades?” Sendo o conhecimento absoluto considerado irrealizável, os Céticos declaravam que o fim de sua disciplina era: “em opiniões, a calma; no impulso, moderação, na inquietação, suspensão”.

A seita dos Estóicos foi fundada por Zenão de Cítio [*Zeno, the Cittiean*] [340-265 a.C.], que estudou sob a tutela de Crates, o Cínico – [Crates de Tebas] [*Crate the Cynic*], de onde a seita Estóica teve sua origem. Zenão foi sucedido por Cleanthes [*Cleanthes*]; Crisipo [de Solis] [*Chrysippus*]; Zenão de Tarsis [*Zeno de Tarsis*]; Diógenes; Antípatro [*Antipater*]; Pantius e Posidônio [*Posidonius*]. Os mais famosos do Estoicismo Romano foram Epíteto [*Epitetus*] e Marco Aurélio [*Marcus Aurelius*]. Os Estóicos são essencialmente panteístas, tendo em vista que sustentam que não há nada melhor do que o mundo, o mundo é Deus. Zenão [*Zeno*] declarou que a razão do mundo é difundida conforme é plantada. O Estoicismo é uma filosofia materialista, aceitando voluntariamente a submissão à lei natural. Crisipo [*Chrysippus*] defendia que o bem e o mal eram contrários, ambos sendo necessários uma vez que cada um sustentava o outro. A alma era considerada como um organismo distribuído em toda a forma física e sujeita a dissolução junto com a dele. Embora alguns Estóicos acreditassem que a sabedoria prolongava a existência da alma, a imortalidade não estava incluída em sua doutrina. A alma, como dito, seria composta por oito partes: os cinco sentidos; o poder gerador; o poder vocal; e uma oitava, ou hegemônica, parte. Natureza era definida como Deus mesclado a toda substância do mundo. Todas as coisas eram encaradas como corpos, quer corpóreos ou incorpóreos.

A brandura marcou a atitude dos filósofos Estóicos. Enquanto Diógenes realizava um discurso contra a raiva, um dos ouvintes um dos ouvintes cuspiu desdenhosamente em sua face. Recebendo o insulto com humildade, o grande Estóico

replicou: “Eu não estou com raiva, mas estou a duvidar se deveria ser assim ou não!”.

Epicuro de Samos [341-270 a.C.] [*Epicurus of Samos*] foi o fundador dos Epicuristas, os quais, em muitos aspectos, assemelham-se à Escola Cirenaica, mas com padrões éticos mais elevados. Os Epicuristas também postulavam que o prazer era o estado mais desejável, mas concebido para ser um grave e dignificador estado atingido através da renúncia das inconsistências mentais e emocionais que são produzidos pela dor e tristeza. Epicuro [*Epicurus*] sustentava que os sofrimentos da mente e da alma são mais penosos do que os da mente, então as alegrias da mente e da alma superam as do corpo.

Os Cirenaicos afirmavam que o prazer é dependente da ação e movimento; os Epicuristas alegam que o descanso e a carência de ação igualmente produzem prazer. Epicuro aceitava a filosofia de Demócrito [*Democritus*] referente a natureza dos átomos e baseava sua física sobre essa teoria. A filosófica Epicurista pode ser resumida em quatro cânones:

“[1] O Sentido nunca é enganado; e, portanto, cada sensação e cada percepção de uma aparência é verdade. [2] A opinião segue o Sentido e é acrescentada à sensação, e capaz de verdade ou falsidade. [3] Toda opinião atestada, ou não contraditada pelo Sentido, é verdadeira; [4] Uma opinião contraditada, ou não atestada pela evidência do Sentido, é falsa”. Entre os Epicuristas destacam-se Metrodoro de Lampsacus [*Metrodorus of Lampsacus*], Zenão de Sidon [*Zeno of Sidon*] e Fedro [*Phaedrus*].

Ecleticismo pode ser definido como a prática de escolher doutrinas de escolas filosóficas aparentemente irreconciliáveis e construir então um sistema filosófico composto em harmonia com as convicções do próprio eclético. Ecleticismo dificilmente é considerado parecido filosoficamente ou logicamente, pois as escolas individuais chegam às suas conclusões através de diferentes métodos de raciocínio, de modo que o produto de fragmentos filosóficos dessas escolas devem necessariamente ser edificados sobre a fundação de premissas conflitantes.

Assim, o Ecleticismo,

XXIV

consequentemente, tem sido conhecido como o culto do homem leigo. No Império Romano pouco pensamento era dispensado à teoria filosófica; consequentemente muitos de seus pensadores eram do tipo eclético. Cícero é um excelente exemplo dos primórdios do Ecleticismo, pois seus escritos eram um “potpourri” [uma miscelânea] de fragmentos de valor inestimável das mais antigas escolas de pensamento. Ecleticismo parece ter tido seu início no momento em que o homem

inicialmente duvidou da possibilidade de descobrir a verdade última. Observando que o pseudoconhecimento é mera opinião - na melhor das hipóteses, os menos estudiosos ainda assim concluíram que o curso mais sábio a seguir seria aceitar o que parecesse ser o mais razoável nos ensinamentos de qualquer escola ou indivíduo. Dessa prática, entretanto, originou-se uma pseudotolerância desprovida do elemento de precisão encontrada na verdadeira lógica e na filosofia.

Enéas nos Portões do Inferno

Eneida, de Virgílio [Tradução de Dryden]
Virgílio descreve parte do ritual de um Mistério Grego – possivelmente Eleusino - em seu conto da descida de Enéas aos portões do inferno, sob a guia de Sibila. Sobre essa parte do ritual acima ilustrada, escreve o imortal poeta:



*“Abundante no meio desta estrada infernal,
Um Olmeiro expõem profusamente seus sombrios galhos;
O Deus do Sono lá oculta sua pesada cabeça
E sonhos vazios em cada folha se espalham.
De várias formas, inúmeros espectros mais;
Centauros, e formas duplas, sitiam a porta,
Antes da Passagem a horrível Hydra aguarda,
E Briareu com todas as suas mil mãos:
Górgonas, Gerião com seus três torsos;
E vã Quimera vomita chamas vazias.
O Comandante desembainhou seu aço brilhante,
preparado,
Apesar de arrebatado por um medo repentino, para
compelir o Guarda.
Oferecendo sua arma brandida em suas faces,
Não tinha Sibila impedido sua marcha ansiosa,
E o contou o que aqueles vazios espectros eram,
Formas sem corpos, e ar impassível”.*

A escola Neopitagórica [*Neo-Pythagorean*] floresceu em Alexandria durante o primeiro século da Era Cristã. Apenas dois nomes destacam-se com relação a ela – Apolônio de Tiana [*Apollonius of Tyana*] e Moderato de Gades [*Moderatus of Gades*]. Neopitagorismo [*Neo-Pythagoreanism*] é um elo entre os filósofos pagãos antigos e o Neoplatonismo. Como os anteriores, continham muitos elementos exatos de pensamentos derivados de Pitágoras [*Pythagoras*] e Platão [*Plato*]; como os últimos, enfatizavam a especulação metafísica e hábitos ascéticos. Uma notável semelhança tem sido observada entre o Neopitagorismo e as doutrinas dos Essênios.

A ênfase especial recai sobre o mistério dos números, e é possível que os Neopitagóricos tivessem um conhecimento muito mais amplo sobre os verdadeiros ensinamentos de Pitágoras do que o disponível hoje. Mesmo no primeiro século, Pitágoras era considerado mais como deus do que como homem, e a sua filosofia foi restabelecida aparentemente na tentativa de que seu nome iria estimular o interesse em sistemas mais profundos de conhecimento.

Mas a filosofia grega havia passado do auge de seu esplendor. A massa humana havia despertado para a importância da vida física e dos fenômenos físicos. A ênfase em assuntos terrenos, que começou a se afirmar mais tarde, atingiram maturidade de expressão no materialismo e consumismo do século XX, mesmo que o Neoplatonismo [*Neo-Platonism*] estivesse a intervir e muitos anos se passassem até que tal ênfase tomasse forma definida.

Apesar de Amônio sacas [*Ammonius Saccus*] ser considerado o fundador do neoplatonismo, o verdadeiro início da escola ocorreu com Plotino [*Plotinus*] [204-269? d.C.]. Proeminentes da escola Neoplatônica de Alexandria, Síria, Roma, e Atenas eram Porfírio [*Porphyry*], Jâmblico [*Iamblichus*], Salustio [*Sallustius*], o Imperador Juliano, Plutarco [*Plutarch*] e Próclo [*Proclus*]. O Neoplatonismo foi o esforço supremo do decadente mundo pagão de publicar e assim preservar para a posteridade sua secreta [ou

não escrita] doutrina. Em seus ensinamentos o idealismo antigo encontrou sua mais perfeita expressão. O Neoplatonismo preocupava-se quase que exclusivamente com os problemas mais elevados da metafísica. Eles reconheciam a existência de uma doutrina secreta e de suma importância a qual desde os tempos das primeiras civilizações haviam sido ocultadas em rituais, símbolos e alegorias de religiões e filosofias. Para mentes não familiarizadas com seus princípios fundamentais, o Neoplatonismo pode parecer uma massa de especulações intercaladas com vãos extravagantes de fantasia. Tal ponto de vista, entretanto, ignora as instituições dos Mistérios – aquelas escolas secretas em cujas profundidades de idealismo quase todos os primeiros filósofos da antiguidade foram iniciados.

Quando o corpo físico do pensamento pagão colapsou, foi feita uma tentativa de ressuscitar a sua forma dando a ele nova vida através da descoberta das verdades místicas. Esse esforço aparentemente foi improdutivo. Apesar do antagonismo, entretanto, entre o Cristianismo primitivo e o Neoplatonismo muitos princípios básicos deste último foram aceitos pelo primeiro e entrelaçados na estrutura da filosofia Patrística. Em resumo, o Neoplatonismo é um código filosófico que concebe cada corpo físico ou concreto da doutrina como sendo apenas uma casca de uma verdade espiritual que pode ser descoberta através de meditação e alguns exercícios de natureza mística. Em comparação com as verdades exotéricas espirituais que eles contêm, as matérias corpóreas de religião e filosofia eram considerados relativamente de pequeno valor. Da mesma forma, nenhuma ênfase foi dada às ciências materiais.

O termo Patrístico é empregado para designar a filosofia dos sacerdotes do início da Igreja Cristã. A filosofia Patrística é dividida em duas épocas: pré-Nicênic e pós-Nicênic . O período pré-Nicênico foi principalmente desenvolvido para atacar o paganismo e enaltecer e defender o Cristianismo. Toda a estrutura da filosofia pagã foi atacada e os

ditames da fé elevados acima da razão. Em algumas instâncias esforços foram feitos para reconciliar as verdades evidentes do paganismo com a revelação Cristã. Eminentes entre os Sacerdotes pré-Nicênicos eram São Irineu [*St. Irenaeus*], Clemente de Alexandria [*Clement of Alexandria*] e Justino Mártir [*Justin Martyr*]. No período pós-Nicênico mais ênfase foi posta no desdobramento da filosofia Cristã junto à linha Platônica e Neoplatônica, resultando no surgimento de muitos documentos estranhos de uma longa, desconexa e ambígua natureza, quase todos os quais filosoficamente instáveis. Entre os filósofos pós-Nicênicos estavam Atanásio [*Athanasius*], Gregório de Nisa [*Gregory of Nissa*] e Cirilo de Alexandria [*Cyril of Alexandria*]. A escola Patrística é notável por sua ênfase na supremacia do homem em todo o universo. O Homem foi concebido para ser uma criação à parte e divina – a façanha coroada da Divindade e uma exceção à soberania da lei natural. Para os Patrísticos, é inconcebível que existisse uma criatura tão nobre, tão afortunada ou tão hábil quanto o Homem, únicos para os quais o benefício e a edificação de todos os reinos da natureza foram essencialmente criados.

A filosofia Patrística culminou no Augustianismo, que pode ser melhor definido como Platonismo Cristão. Em oposição à doutrina Pelagianista [*Pelagian*], segundo a qual o homem é o autor de sua própria salvação, o Augustianismo eleva a igreja e seus dogmas à posição de absoluta infalibilidade – uma posição que é mantida com sucesso até a Reforma. O Gnosticismo, um sistema de emanatismo, interpretando o Cristianismo em termos metafísicos Gregos, Egípcios e Persas, apareceram na parte final do primeiro século da Era Cristã. Praticamente toda a informação existente restante dos Gnósticos e suas doutrinas, estigmatizados como heresia pelos Padres da Igreja Pré-Nicênica, é derivada de acusações direcionadas contra aqueles, particularmente dos escritos de São Irineu [*Irenaeus*]. No terceiro século, surgiu o Maniqueísmo, um sistema dualístico de origem Persa, o qual ensinava que o Bem e o Mal estavam

eternamente em disputa pela supremacia universal. No Maniqueísmo, Cristo é concebido como o Princípio do Bem redentor em contraste com o homem Jesus, que era visto com uma má personalidade.

A morte de Boécio [*Boethius*] no século sexto marcou o fechamento da antiga escola filosófica Grega. O século nono viu a ascensão do Escolasticismo, o qual procurou conciliar filosofia e teologia. Representantes das principais divisões dos Escolásticos estavam o Ecleticismo de John de Salisbury [*Eclecticism of John of Salisbury*], o Misticismo de Bernard de Clairvaux e St. Bonaventura [*Mysticism of Bernard of Clairvaux and St. Bonaventura*], o Racionalismo de Pedro Abelardo [*Racionalism of Peter Abelard*], e o Misticismo panteístico de Meister Eckhart [*Pantheistic Mysticism of Meister Eckhart*]. Entre os Árabes Aristotélicos estavam Avicena [*Avicenna*] e Averróis [*Averroes*]. O apogeu dos Escolásticos foi alcançado com advento de Alberto Magno [*Albertus Magnus*] e seu ilustre discípulo, São Tomás de Aquino [*St. Thomas Aquinas*]. O Tomismo [a filosofia de São Tomás de Aquino, por vezes referida como Aristotélica-Cristã] procura conciliar várias facções da doutrina Escolástica. O Tomismo era basicamente Aristotélico com o acréscimo da concepção de que a fé é uma projeção da razão.

Escotismo, ou doutrina do Voluntarismo promulgado por *Joannes Duns Scotus*, um Escolástico Franciscano, enfatizava o poder e a eficácia da vontade individual, em oposição ao Tomismo. A característica marcante do Escolasticismo foi seu frenético esforço para lançar os moldes do pensamento Aristotélico sobre toda a Europa. Eventualmente os Escolásticos desceram ao nível de meros *wordmongers** [pessoas que escrevem ou escolhem palavras sem cuidado] e que tornaram as palavras de Aristóteles tão pueris que não sobraram nada além dos ossos. Foi esta escola decadente de palavreado sem sentido contra a qual Sir Francis Bacon dirigiu suas amargas flechadas de ironia e que ele relegou ao campo da perda de tempo das noções descartadas. O sistema Baconiano, ou

XXVII

indutivo, de razão [através do qual os fatos são alcançados através de um processo de observação e verificação por experimentação] iluminou o caminho para as novas escolas da ciência moderna. Bacon foi seguido por Thomas Hobbes [que por algum tempo foi seu secretário], o qual defendia a matemática como sendo a única ciência exata e pensava ser essencialmente um processo matemático. Hobbes declarou ser a matéria a única realidade, e a investigação científica ser limitada ao estudo dos corpos, aos fenômenos relativos às suas causas prováveis e as consequências as quais derivam de cada variação de circunstância. Hobbes depositava especial ênfase nos significados das palavras, declarando que o entendimento é a capacidade de perceber a relação entre as palavras e os objetos aos quais elas se referem. Ao romper com as escolas teológicas e escolásticas, a filosofia Pós-Reformista, ou moderna, experimentou o crescimento mais prolífico em diversos campos. De acordo com o

Humanismo, o homem é a medida de todas as coisas; o Racionalismo faz das faculdades racionais a base de todo o conhecimento; a Filosofia Política sustenta que o homem deve compreender seus privilégios naturais, sociais e nacionais; o Empirismo declara que só é verdade aquilo que é demonstrado pelo experimento e pela experiência; o Moralismo enfatiza a necessidade da conduta correta como princípio fundamental da filosofia; o Idealismo afirma que as realidades do universo são suprafísicas – sejam mentais ou psíquicas; o Realismo, o inverso; e o Fenomenalismo restringe o conhecimento aos fatos ou eventos que podem ser cientificamente descritos ou explicados. Os mais recentes desenvolvimentos no campo do pensamento filosófico são o comportamentalismo e o Neo-Realismo. O primeiro estima as características intrínsecas através da análise do comportamento; o último pode ser definido como a total extinção do idealismo.



O Modelo de Universo Ptolemaico

De uma impressão antiga, cortesia de Carl Oscar Borg. Ao ridicularizar o sistema geométrico de astronomia exposto por Claudius Ptolomeu, os astrônomos modernos negligenciaram a chave filosófica para o sistema ptolemaico. O universo de Ptolomeu é uma representação diagramática das relações existentes entre a variedade divina e as partes elementais de cada criatura, e não está relacionada com a astronomia do modo como essa ciência é hoje compreendida. Na figura acima, merece destaque os três círculos zodiacais circundando a órbita dos planetas. Estes zodíacos representam a tripla constituição espiritual do universo. A órbita dos planetas são os Governadores do Mundo e as quatro esferas elementais no centro representam a constituição física tanto do Homem quanto do universo. O modelo de Ptolomeu do universo é simplesmente uma

seção transversal da aura universal, dos planetas e elementos, aos quais ele refere-se como não guardando relação com aqueles reconhecidos pelos astrônomos modernos.

XXVIII

Baruch de Spinoza, o eminente filósofo holandês, concebia Deus como sendo a substância absolutamente auto-existente e sem necessidade de outros conceitos além de si mesmo para torná-lo completo e inteligível. A natureza deste Ser, defendia Spinoza, seria compreensível apenas através de seus atributos, os quais são extensão e pensamento: esses se combinam para formar uma infinita variedade de aspectos ou modos. A mente do homem é um desses modos de pensamento infinito; o corpo do homem, um dos modos de extensão infinita. Através da razão o homem é capaz de elevar-se além do mundo ilusório dos sentidos e encontrar descanso eterno em perfeita união com a Essência Divina. Spinoza, como foi dito, privava Deus de qualquer personalidade, estabelecendo a Divindade como sinônimo de universo.

A filosofia alemã teve seu início com Gottfried Wilhelm von Leibnitz, cujas teorias são permeadas com as qualidades do otimismo e do idealismo. O princípio da razão suficiente, de Leibnitz, lhe revelou a insuficiência da teoria de extensão de Descartes, e, portanto, concluiu aquele pensador que a própria substância contém um poder inerente, na forma de um incalculável número de unidades independentes e autossuficientes. A matéria reduzida às suas partículas finais cessa a existir como um corpo substancial, sendo resumida a uma massa de ideias imateriais ou unidades metafísicas de poder, para as quais Leibnitz aplica o termo “Mônada”. Assim, o universo é composto de um número infinito de entidades monadas independentes, desenrolando-se espontaneamente pela objetivação das qualidades ativas inatas. Todas as coisas são concebidas como consistindo de Mônadas individuais de variadas magnitudes ou de aglomerações destes corpos, os quais podem existir como substâncias físicas, emocionais, mentais ou espirituais. Deus é a primeira é grande Mônada; o espírito do homem é uma Mônada desperta em contradição com os reinos inferiores, cuja regência dos poderes Mônados encontra-se em estado de semidormência.

Embora um produto da Escola

Leibnitz-Wolffian, Immanuel Kant, como Locke, dedicou-se à investigação dos poderes e limites da compreensão humana. O resultado foi sua filosofia crítica, englobando a crítica da razão pura, a crítica da razão prática e a crítica do julgamento. O Dr. W. J. Durant resume a filosofia de Kant na declaração concisa de que ele resgatou a mente da matéria. Kant concebia a mente como sendo o seletor e o coordenador de todas as percepções, as quais por sua vez são o resultado das próprias sensações agrupadas em algum objeto externo. Na classificação de sensações e ideias, a mente emprega certas categorias: de sentido, tempo e espaço; de compreensão, qualidade, relação, modalidade e de nexos de causalidade; e a unidade de cognição. O tempo e o espaço, estando subordinados às leis matemáticas, são considerados absolutos e bases suficientes do pensamento exato. A razão prática de Kant declara que, enquanto a natureza do noumeno nunca poderia ser compreendido pela razão, o fato da moralidade comprova a existência de três postulados necessários: livre arbítrio, imortalidade e Deus. Na crítica do julgamento, Kant demonstra a união entre noumeno e fenômeno na arte e na evolução biológica. O superintelectualismo alemão é fruto de um uso, com ênfase excessiva, da teoria de Kant sobre a supremacia autocrática da mente sobre as sensações e o pensamento. A filosofia de Johann Gottlieb Fichte era uma projeção da filosofia de Kant, em que ele tentou unir a razão prática à razão pura, de Kant. Fichte declarou que o conhecimento é apenas o conteúdo da consciência do conhecedor, e que nada pode existir para o conhecedor até que se torne parte desses conteúdos. Nada, portanto, é real, exceto os fatos de sua própria experiência mental.

Reconhecendo a necessidade de certas realidades objetivas, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, que sucedeu Fichte na direção de filosofia em Jena, empregou pela primeira vez a doutrina da identidade como bases para um sistema completo de filosofia. Ao passo que Fichte considera o “eu” como absoluto, von Schelling concebe a mente eterna e infinita como sendo a Causa a que tudo permeia. A realização do Absoluto é possível

por meio da intuição intelectual, a qual, sendo um senso superior ou espiritual, é capaz de dissociar-se tanto do sujeito e do objeto. Von Schlling julgava as categorias de espaço e tempo de Kant como sendo positivas e negativas, respectivamente, e a existência material o resultado da ação recíproca dessas duas expressões. Von Schlling também defendia que o Absoluto, em seu processo de autodesenvolvimento, procede de acordo com a lei ou ritmo contido em três movimentos. O primeiro, o movimento reflexo, é a tentativa do infinito de incorporar-se ao finito. O segundo, o da subsunção, é a tentativa do Absoluto de retornar ao Infinito depois de seu envolvimento com o finito. O terceiro, o da razão, é o ponto neutro onde os dois movimentos anteriores são mesclados.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel considerava a intuição intelectual de von Schelling como filosoficamente instáveis e, por isso, voltou suas atenções para a criação de um sistema de filosofia baseado na lógica pura. Foi dito de Hegel que ele começou com o nada e mostrou com precisão lógica como tudo procedeu a partir de então, em ordem lógica. Hegel elevou a lógica a uma posição de suprema importância, de fato como qualidade do próprio Absoluto. Ele concebia Deus como um processo de descortinamento que nunca alcançava a condição de revelação. Da mesma maneira, o pensamento seria sem princípio ou fim. Hegel acreditava, ainda, que todas as coisas deviam sua existência aos seus opostos e que todos os opostos são realmente idênticos. Assim, a única existência é a relação dos opostos entre si, através de cujas combinações novos elementos são produzidos. Como a Mente Divina é um eterno processo de pensamento que nunca se completa, Hegel as próprias fundações do teísmo e sua filosofia limita a imortalidade a uma Divindade única sempre fluída. A evolução é consequência da interminável fluidez da Consciência da Divindade fora dela mesma; toda a criação, pensamento em contínuo movimento, nunca chega a qualquer estado que não seja a de fluxo incessante.

A filosofia de Johann Friedrich Herbart foi uma reação realista ao idealismo

de Fichte e Von Schelling. Para Herbart a verdadeira base da filosofia era a grande massa de fenômenos continuamente movendo-se através da mente humana. O exame dos fenômenos, contudo, demonstram que uma grande parte dela é irreal, incapaz de suprir a mente com a verdade real. Para corrigir as falas impressões causadas pelo fenômeno [*phenomena*] e descobrir a realidade. Herbart acreditava ser necessário explicar o fenômeno em elementos separados, uma vez que a realidade existe nos elementos e não no todo. Ele defende que os objetos podem ser classificados em três termos gerais: coisa, matéria e mente; a primeira é uma unidade de diversas propriedades, a segunda, um objetos existente, a terceira, um ser autoconsciente. Todas as três noções originaram, entretanto, certas contradições, para cujas soluções eram essencialmente a preocupação de Herbart. Por exemplo, considere a matéria. Embora capaz de preencher o espaço, se reduzida a seu estado final, consiste em incompreensíveis minúsculas unidades de energia divina que não ocupam qualquer espaço físico.

O verdadeiro tema da filosofia de Arthur Schopenhauer é a vontade; o objeto de sua filosofia é a elevação da mente ao ponto em que ela é capaz de controlar a vontade. Schopenhauer compara a vontade a um forte homem cego, que carrega em seus ombros o intelecto, o qual por sua vez é um homem coxo que possui a capacidade da visão. A vontade é a incansável causa de manifestação e toda a parte da Natureza, um produto da vontade.

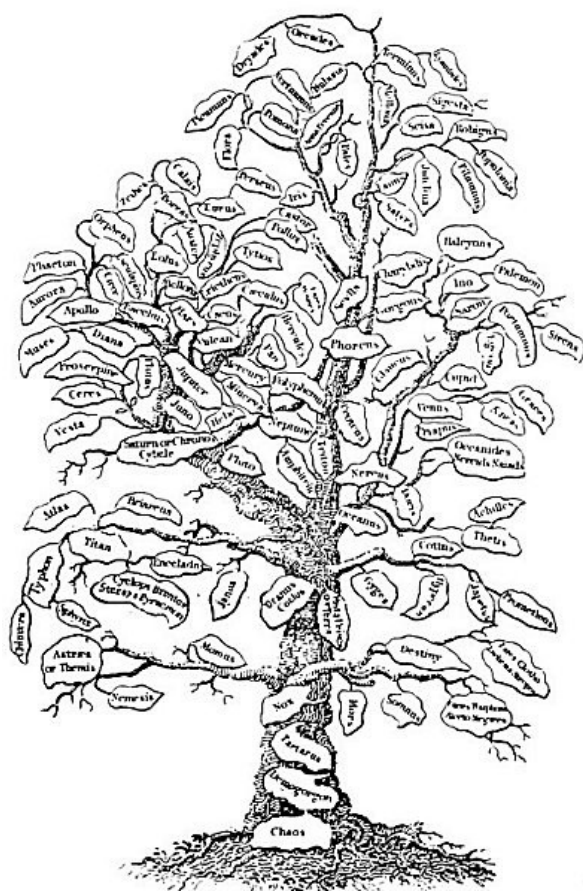
O cérebro é o produto da vontade de saber, a mão, o produto da vontade de segurar. Todas as constituições intelectuais e emocionais do Homem são subservientes à vontade e estão amplamente relacionadas com o esforço para justificar os ditames da vontade. Assim, a mente cria elaborados sistemas de pensamento para provar a necessidade da coisa almejada.

O gênio [*genius*], entretanto, representa o estado onde o intelecto ganha a supremacia sobre a vontade e a vida é governada pela razão e não por impulso. A força da Cristandade, disse Schopenhauer, reside em seu pessimismo e na conquista da

vontade individual. Seus pontos de vista religiosos assemelham-se muito ao budismo. Para ele, o Nirvana representa a submissão da vontade. A vida – a manifestação da vontade cega de viver – ele via como uma desgraça, alegando que o verdadeiro filósofo era aquele que, reconhecendo a sabedoria da morte, resiste ao impulso inerente de reproduzir sua espécie.

Sobre Friedrich Wilhelm Nietzsche têm-se dito que sua peculiar contribuição para a causa da esperança humana foi a boa nova de que Deus havia morrido por piedade!

As características proeminentes da filosofia de Nietzsche são a sua doutrina do eterno retorno e a extrema ênfase atribuída por ele na vontade de poder – uma projeção da vontade para viver de Schopenhauer.



A Árvore da Mitologia Clássica

Da obra “O Novo Panteão”, de Hort [The New Pantheon].

Antes que seja possível uma apropriada avaliação dos aspectos científicos mais profundos da mitologia grega, é necessário organizar o panteão Grego e a hierarquia em ordem concatenada de seus deuses, deusas e de seus vários sobre-humanos. Proclo [Proclus], o grande Neoplatonista, em seus comentários à teologia de Platão, forneceu uma chave de valor inestimável para a ordem das várias divindades em relação à Causa Primeira e às potências inferiores que delas próprias emanam. Quando assim dispostas, as hierarquias divinas podem ser conectadas aos ramos da grande árvore. As raízes desta árvore estão firmemente incorporadas a um Ser Incognoscível. O tronco e os galhos maiores simbolizam os deuses superiores; os ramos e folhas, as incontáveis existências dependentes do primeiro e imutável Poder.

Nietzsche acreditava que o propósito da existência consiste na produção de um tipo de um indivíduo todo-poderoso, designado por ele como o super-homem. Este super-homem era o produto de uma cuidadosa cultura, pois se não forçosamente separado da massa e consagrado para a produção do poder, o indivíduo iria novamente mergulhar e atingir o nível dos medíocres mortais. O amor, disse Nietzsche, deveria ser sacrificado para a produção do super-homem e somente deveriam casar-se aqueles mais aptos a produzir este tipo excepcional.

Nietzsche também acreditava no governo aristocrático, sendo tanto o sangue quanto a educação essenciais para o estabelecimento deste tipo superior. A doutrina de Nietzsche não libertava as massas; ela preferia posicionar acima delas os super-homens, para quem seus inferiores irmãos e irmãs deveriam ser perfeitamente purificados para morrer. Eticamente e politicamente, o super-homem era uma lei para si mesma. Para aqueles que entendem o verdadeiro significado do poder como virtude, autocontrole, e verdade, a idealidade por trás da teoria de Nietzsche é aparente. Para o superficial, entretanto, ela é uma filosofia insensível e calculista, que diz respeito somente à sobrevivência do mais apto.

Das outras escolas Alemãs de pensamento filosófico, limitações de espaço impedem menções detalhadas. As mais recentes revelações da escola Alemã são o Freudismo e o Relativismo [posteriormente chamada de teoria Einstein]. O primeiro é um sistema de psicanálise por meio do fenômeno psicopático e neurológico; o último ataca a precisão dos princípios mecânicos dependentes da presente teoria da velocidade.

René Descartes está à frente da escola Francesa de filosofia e divide com Sir Francis Bacon a honra da fundação do sistema moderno de ciência e filosofia. Enquanto Bacon baseava sua conclusão na observação das coisas externas, Descartes fundou sua filosofia metafísica na observação das coisas internas. O Cartesiano [a filosofia de Descartes] primeiro elimina todas as coisas e então as substitui, como princípios, por

aquelas premissas sem as quais a existência é impossível. Descartes define a ideia como aquilo que preenche a mente quando concebemos algo.

A verdade de uma ideia deve ser determinada pelo critério da clareza e nitidez. Aqui, Descartes afirma que uma ideia clara e distinta deve ser verdade. Descartes também tem a distinção de evoluir a sua filosofia sem o recurso à autoridade. Consequentemente, suas conclusões são construídas a partir das premissas mais simples e se desenvolvem em complexidade conforme a estrutura de sua filosofia toma forma.

A filosofia Positiva [Positivista] de Auguste Comte é baseada na teoria de que o intelecto humano desenvolve-se através de três estágios de pensamento. O primeiro e menor estágio é teológico; o segundo, o metafísico; e o terceiro e maior, o positivo. Assim, a teologia e a metafísica são esforços intelectuais da mente infantil humana e o positivismo é a expressão de um intelecto adulto. Em seu “Curso de Filosofia Positiva” [*Cours de Philosophie Positive*], Comte escreve:

“Ao final, no estado positivo, a mente supera a vã busca pelas noções Absolutas, a origem e destinação do universo, e as causas dos fenômenos, e aplica-se ao estudo de suas leis – isto é, suas invariáveis relações e sucessões e semelhanças. Raciocínio e observação, devidamente combinadas, são os meios deste conhecimento.” A teoria de Comte é descrita como um “enorme sistema de materialismo”. De acordo com Comte, foi dito primeiramente que os céus declararam a glória de Deus, mas agora eles só contam a glória de Newton e Laplace.

Entre as escolas francesas de filosofia estão o Tradicionalismo [muitas vezes aplicado ao cristianismo], o qual estima a tradição como fundamento apropriado da filosofia; a escola Sociológica, a qual considera a humanidade como um vasto organismo social; os Enciclopedistas, os quais esforçaram-se para classificar o conhecimento de acordo com o revolucionário sistema de pensamento europeu Baconiano; o Voltairianismo, o qual assinala a origem divina

do destino Cristão e adota uma atitude de extremo ceticismo a todas as matérias relacionadas à teologia; e o neocriticismo, uma revisão francesa da doutrina de Immanuel Kant.

Henri Bergson, o intuicionista, indubitavelmente o maior filósofo francês vivo, apresenta a teoria do anti-intelectualismo místico, fundado na premissa da evolução criativa. Sua rápida ascensão à popularidade é devida ao seu apelo aos sentimentos mais nobres na natureza humana, os quais rebelam-se contra a desesperança e o desamparo da ciência materialista e da filosofia realista. Bergson vê Deus como a batalha contínua da existência contra as limitações da matéria. Ele inclusive concebe a possibilidade de vitória da existência sobre a matéria, e, com o tempo, a aniquilação da morte.

Aplicando o método Baconiano à mente, John Locke, o grande filósofo Inglês, declarou que tudo o que passa pela mente é um legítimo objeto de filosofia mental, e que esses fenômenos mentais são tão reais e válidos quanto os objetos de qualquer ciência. Em suas investigações sobre a origem do fenômeno, Locke abandonou a exigência Baconiano sobre a necessidade de se elaborar primeiro uma história natural dos fatos. A mente era considerada por Locke como estando em branco, até que a experiência fosse inscrita sobre ela. Assim, a mente é construída sobre as impressões recebidas, mais reflexão. A alma, acreditava Locke, é incapaz de perceber a Divindade, e as realizações humanas ou cognições de Deus são meramente uma interferência da faculdade da razão. David Hume foi o maior entusiasta e também o mais eminente dos discípulos de Locke.

Atacando a teoria Sensacionalista de Locke, o Bispo George Berkeley substituiu-a por uma filosofia baseada também nas premissas fundamentais de Locke, mas desenvolveu-as como um sistema de idealismo. Berkeley defendia que as ideias são o real objeto do conhecimento. Ele declarou ser impossível fazer prova de que as sensações são causadas por objetos materiais; ele também tentou provar que a matéria não possui existência. O Berkeleísmo defende

que o universo é permeado e governado pela mente. Assim, a crença na existência de objetos materiais é meramente uma condição mental, e os próprios objetos podem muito bem ser invenções da mente. Ao mesmo tempo, Berkeley considerava isso pior do que a insanidade questionar a precisão das percepções; pois, se o poder das faculdades da percepção forem questionadas, o Homem é reduzido a uma criatura incapaz de conhecer, estimar ou realizar qualquer outra coisa.

No Associacionismo de Hartley e Hume teve avanço a teoria de que a associação das ideias é o princípio fundamental da psicologia e a explicação para todos os fenômenos mentais. Hartley defendia que se uma sensação é repetida diversas, há uma tendência de que ela seja repetida espontaneamente, a qual poderá ser despertada por associação com outra ideia, ainda que o objeto que causa a reação original esteja ausente. O Utilitarismo de Jeremy Bentham, Archdeacon Paley, e James e John Stuart Mill afirma que o maior bem é o mais útil ao maior número. John Stuart Mill acreditava que se é possível assegurar o conhecimento das propriedades das coisas por meio das sensações, também o é possível por meio do mais elevado estado mental – isto é, intuição ou razão - para atingir o conhecimento do verdadeiro fundamento das coisas.

O Darwinismo é a doutrina da seleção natural da evolução física. Foi dito que Charles Robert Darwin decidiu banir completamente o espírito do universo e faz do infinito e da própria mente onipresente sinônimo de poderes, que a tudo permeiam, da natureza impessoal. O Agnosticismo e o Neo-Hegelianismo também são produtos deste período de pensamento filosófico. O primeiro acredita que a natureza do definitivo é incognoscível; o segundo é uma rememoração Inglesa e Americana do idealismo de Hegel.

Dr. W. J. Durant declara que a grande obra de Herbert Spencer, “Primeiros Princípios” [*First Principles*], tornou-o quase em um instante no mais famoso filósofo de seu tempo. Spencerianismo é um positivismo filosófico que descreve a evolução como sendo uma complexidade sempre crescente com o

XXXIII

equilíbrio sendo a sua condição mais alta possível. De acordo com Spencer, a vida é um contínuo processo da homogeneidade à heterogeneidade, retornando da heterogeneidade à homogeneidade. A vida também envolve o contínuo ajuste de relações internas a relações externas. O mais famoso de todos os aforismas de Spencer é a definição de Divindade: “Deus é infinita inteligência, infinitamente diversificada pelo infinito tempo e infinito espaço, manifestada por uma infinidade de individualidade em perpétua evolução”. A universalidade da lei da evolução foi enfatizada por Spencer, o qual a aplicava não somente à forma, mas também à inteligência por trás da forma. Em toda manifestação do ser ele reconhecia a tendência fundamental da manifestação da simplicidade para a complexidade, observando que quando o ponto de equilíbrio é alcançado, é sempre seguido por um processo de dissolução. De acordo com Spencer, entretanto, a desintegração existe apenas para que a reintegração que a segue conduza o ser a um nível superior.

A posição de liderança na escola de filosofia italiana deveria ser atribuída a Giordano Bruno, que, após entusiasmamente aceitar a teoria de Copérnico de que o sol é o centro do sistema solar, declarou que o sol é uma estrela e que todas as estrelas são sóis. Na época de Bruno, a Terra era considerada como o centro de toda a criação. Consequentemente, quando ele assim relegou o mundo e o Homem a um canto obscuro no espaço, o efeito foi o efeito foi cataclísmico. Pela heresia de afirmar a multiplicidade de universos e conceber o Cosmos como sendo tão vasto que nenhuma simples crença poderia preenchê-lo, Bruno pagou o preço com sua vida.

O Vicoismo é a filosofia baseada nas conclusões de Giovanni Battista Vico, que sustentava que Deus controla Seu mundo não miraculosamente mas por meio da lei natural. As leis pelas quais os Homens regem-se, declarou Vico, proveem de uma fonte espiritual da humanidade, as quais estão em harmonia com a lei da Divindade. Daí é que o direito material é de origem divina e reflete os ditames do Pai espiritual. A filosofia do

Ontologismo desenvolvido por Vincenzo Gioberti [geralmente considerado mais como teólogo do que filósofo] postula Deus como o único ser e origem de todo o conhecimento, sendo o conhecimento idêntico à própria Divindade. Deus é, conseqüentemente, chamado de Ser; todas as outras manifestações são existências. A verdade deve ser descoberta por meio da reflexão deste mistério.

O mais importante dos filósofos italianos modernos é Benedetto Croce, um Hegeliano idealista. Croce concebe que as ideias são a única realidade. Ele é antiteológico em seus pontos de vista, não acredita na imortalidade da alma, e busca um substituto ético e estético para a religião. Entre outros ramos da filosofia italiana devem ser mencionados o Sensismo [Sensacionalismo], o que postula o senso das percepções como canal exclusivo de recepção do conhecimento; Criticismo, ou a filosofia do julgamento acurado; e o Neo-Escolasticismo, o qual revive o Tomismo encorajada pela Igreja Católica Romana.

As duas escolas marcantes da filosofia Americana são o Transcendentalismo e o Pragmatismo. O transcendentalismo, exemplificado nos escritos de Ralph Waldo Emerson, enfatiza o poder do transcendental sobre o físico. Muitos dos escritos de Emerson mostram uma pronunciada influência Oriental, particularmente seus ensaios sobre a Oversoul* [superalma - realidade ou mente suprema, unidade espiritual de tudo] e da Lei da Compensação. A teoria do Pragmatismo, embora não seja criação do Professor Willian James, deve a sua larga popularidade como um princípio filosófico aos seus esforços. O pragmatismo pode ser definido como a doutrina em que o significado e a natureza das coisas devem ser descobertas a partir da consideração de suas conseqüências. A verdade, de acordo com James, “é um expediente no caminho de nosso pensamento, assim como 'o correto' é apenas um expediente no caminho do nosso comportamento.” [Veja o seu Pragmatismo]. John Dewey, o Instrumentalista, que aplica a atitude experimental a todos os objetivos da vida, deveria ser considerado como um comentarista

XXXIV

de James. Para Dewey, o crescimento e as mudanças são ilimitados e não há postulação de verdades irrevogáveis. A longa estada de George Santayana na América garantiu que o nome deste grande espanhol esteja listado no rol dos filósofos Americanos. Defendendo-se

com o escudo do ceticismo tanto das ilusões dos sentidos quanto dos erros cumulativos das eras, Santayana procura conduzir a raça humana a um estado maior de aprendizado, denominado por ele de vida da razão.



Uma Trindade Cristã.

Da obra “Mistérios antigos Descritos”, de Hone [Ancient Mysteries Described].

Num esforço para estabelecer uma apropriada figura da doutrina Cristã da Trindade, foi necessário elaborar uma imagem na qual as três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – estivessem separados e, ao mesmo tempo, fossem um. Em diferentes partes da Europa pode-se observar figuras similares à acima exposta, onde três faces estão unidas em uma cabeça. Este é um método legítimo de, para aqueles capazes de decifrar o sagrado significado da cabeça tríplice, um grande mistério revelar. Não obstante a presença de tais aplicações de simbologia na arte Cristã, é pouco adequado considerar os filósofos das outras religiões como ignorantes se, como os Hindus, possuem o Brahma trifacetado, ou, como os Romanos, o bifacetado Jano [Janus].

[Na preparação do resumo acima exposto, sobre os principais ramos do pensamento filosófico, e em acréscimo às autoridades já mencionadas, o presente escritor recorreu às obras “História da Filosofia” [*History of Philosophy*], de Stanley; “Uma visão Histórica e Crítica da Filosofia Especulativa na Europa do Século XIX” [*An Historical and Critical View of the Speculative Philosophy of Europe in the Nineteenth Century*], de Morell; “Pensadores Modernos e Problemas Atuais” [*Modern Thinkers and Present Problems*], de Singer; “Filósofos Clássicos Modernos” [*Modern Classical Philosophers*], de Rand; “História da Filosofia” [*History of Philosophy*], de Windelband; “Tendências Filosóficas Atuais” [*Present Philosophical Tendencies*], de Perry; “Curso de Metafísica e Lógica” [*Lectures on Metaphysics and Logic*], de Hamilton; “A História da Filosofia” [*The Story of Philosophy*], de Durant.

Assim, tendo traçado de forma mais ou menos precisa o desenvolvimento sequencial da filosofia especulativa de Thales a James e Bergson, é agora o momento de direcionar a atenção do leitor para os elementos e circunstâncias presentes na gênese do pensamento filosófico. Embora os helenísticos tenham se mostrado particularmente sensíveis às disciplinas da filosofia, esta ciência das ciências não devia ser considerada nativa entre eles. “Embora alguns gregos”, escreve Thomas Stanley, “tenham defendido sua nação como a autora original da filosofia, ainda assim os mais cultos têm reconhecido que ela deriva do Leste”. As instituições magníficas dos ensinamentos Hindus, Caldeus e Egípcios devem ser reconhecidos com fontes da atual sabedoria Grega. A última foi moldada a partir das sombras dos santuários de Ellora, Ur e Memphis lançadas sobre a essência do pensamento de um povo primitivo. Thales, Pitágoras e Platão em suas peregrinações filosóficas contactaram muitas culturas distantes e trouxeram de volta a sabedoria do Egito e do Oriente inescrutável.

A partir de fatos incontestáveis como estes, fica evidente que a filosofia originou-se

dos Mistérios religiosos da antiguidade, não sendo separada da religião até o declínio dos Mistérios. Assim, aquele que deseja penetrar nas profundezas do pensamento filosófico deve familiarizar-se com os ensinamentos daqueles sacerdotes iniciados designados como guardiões da revelação divina. Os Mistérios reivindicam ser os guardiões de um conhecimento transcendental, tanto profundo quanto incompreensível, reservado aos mais elevados intelectos e tão potente que somente pode ser revelado em segurança àqueles cuja ambição pessoal está morta e que consagraram suas vidas ao serviço altruísta da humanidade. Ambas, a dignidade dessas sagradas instituições e a validade de seus postulados em possuir a Sabedoria Universal, são atestados pelos mais ilustres filósofos da antiguidade, que foram, eles próprios, iniciados nas profundezas da doutrina secreta e os quais prestam testemunho de sua eficácia.

A seguinte pergunta pode ser legitimamente proposta: Se essas antigas instituições místicas eram de tal “grande essência e significado”, por que há tão pouco informação disponível sobre elas e os mistérios que elas alegam possuir? A resposta é muito simples: Os Mistérios eram sociedades secretas, atrelando seus iniciados a um sigilo inviolável e retribuindo com a morte a traição de suas sagradas crenças. Não obstante essas escolas tenham sido a verdadeira inspiração de várias doutrinas adotadas pelos filósofos antigos, a fonte original desses conhecimentos nunca foi revelada ao profano. Outrossim, no decorrer do lapso temporal os ensinamentos ficaram tão inextricavelmente ligados aos nomes de seus disseminadores que a real, mas recôndita fonte, – os Mistérios – tornaram-se totalmente ignorados.

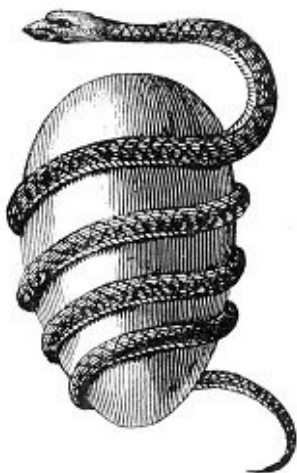
O simbolismo é a linguagem dos Mistérios: de fato, não constitui apenas a linguagem do misticismo e da filosofia, mas de toda a natureza, pois toda lei e poder ativo no processo universal é manifestado às percepções sensoriais limitadas do Homem por meio do símbolo. Toda forma existente no diversificado âmbito do ser é símbolo da atividade divina pela qual é produzida. Por meio dos símbolos os Homens têm sempre

buscado comunicar uns com os outros esses pensamentos que transcendem os limites da linguagem. Rejeitando os dialetos humanos concebidos como inadequados e indignos de perpetuar as ideias divinas, os Mistérios, assim, escolheram o simbolismo como um método muito mais engenhoso e ideal de preservar o seu conhecimento transcendental. Em uma única figura um símbolo pode revelar e ocultar, enquanto para o sábio a essência do símbolo é óbvia, para o ignorante a figura permanece inescrutável. Daí, aquele que procura desvendar os segredos da doutrina da antiguidade deve buscá-la não em páginas abertas de livros, os quais podem cair em mãos dos indignos, mas em locais onde ela foi originalmente ocultada.

Clarividentes eram os iniciados na antiguidade. Eles compreenderam que nações vêm e vão, que impérios erguem-se e caem, e que a era de ouro da arte, da ciência e do idealismo são sucedidos pelas sombrias eras da superstição. Com a necessidade da posteridade impressas na mente, os sábios da antiguidade foram até os inconcebíveis extremos para certificarem-se de que seu conhecimento seria preservado. Eles gravaram-no sobre as faces das montanhas e ocultaram-no nas medidas de imagens colossais, que eram maravilhas geométricas. Seus conhecimentos de química e matemática foram escondidos nas mitologias,

as quais o ignorante iria perpetuar, ou nos vãos e arcos de seus templos, que o tempo não apagou totalmente. Eles escreveram em caracteres que nem o vandalismo do homem nem a intempérie dos elementos poderia completamente eliminar. Hoje os Homens observam com admiração e reverência os poderosos Memmons erguidos na areia do Egito, ou as estranhas pirâmides escalonadas de Palanque. São testemunhas mudas das artes e ciências antigas da antiguidade; e oculta esta sabedoria deve permanecer até que esta raça aprenda a ler a linguagem universal – o SIMBOLISMO.

O livro, do qual esta é a introdução, é dedicado à proposição de que, oculta nas figuras emblemáticas, alegorias e rituais dos antigos, está uma doutrina secreta relativa aos mistérios internos da vida, que têm sido preservada - como um todo - dentro de um pequeno grupo de mentes iniciadas, desde o princípio do mundo. Ao partir, esses filósofos iluminados deixaram sua fórmula a outros, que também devem alcançar a compreensão. Contudo, para que esses processos secretos não caiam nas mãos dos incultos e sejam pervertidos, o Grande Arcano sempre foi oculto em símbolo ou alegoria; e aqueles que hoje podem descobrir suas chaves perdidas, podem abrir o tesouro da casa das verdades filosóficas, científicas e religiosas.



O Ovo Órfico

Da obra Um Análise da Mitologia Antiga, de Bryant [An Analysis of Ancient Mythology].

O símbolo antigo dos Mistérios Órficos era o ovo da serpente entrelaçada, o qual significa o Cosmos envolto pelo ardente espírito criativo. O ovo também representa a alma do filósofo; a serpente, os Mistérios. No momento da iniciação a casca é quebrada e o homem emerge de seu estágio embrionário da existência física, no qual ele permaneceu durante o período fetal do renascimento filosófico.

OS MISTÉRIOS ANTIGOS E AS SOCIEDADES SECRETAS

QUE INFLUENCIARAM O SIMBOLISMO MAÇÔNICO MODERNO

∴

Quando confrontados com o problema envolvendo o uso das faculdades racionais, indivíduos de intelecto forte mantêm o seu equilíbrio, e buscam atingir uma solução por meio da obtenção de fatos relevantes sobre a questão. Aqueles de mentalidade imatura, por outro lado, quando confrontados da mesma forma, ficam confusos. Enquanto os primeiros podem estar qualificados para solucionar o enigma de seus próprios destinos, os últimos devem ser conduzidos como um rebanho de ovelhas e ensinados em linguagem simples. Eles dependem quase que inteiramente das lições dos pastores. O Apóstolo Paulo disse que estes pequeninos devem ser alimentados com leite, mas que a carne é o alimento dos homens fortes. A irreflexão é quase sinônimo de infantilidade, enquanto a reflexão é símbolo de maturidade.

Há, entretanto, nada além do que poucas mentes maduras no mundo; e assim foi que as doutrinas filosófico-religiosas dos pagãos foram divididas para adequar a necessidade destes dois fundamentais grupos de intelecto humano – um filosófico; o outro, incapaz de apreciar os mistérios mais profundos da vida. Para discerni-los, a alguns poucos foi revelado o esotérico, ou ensinamentos espirituais, enquanto os muitos inaptos receberam apenas o literal, ou exotérico, interpretações. A fim de tornar simples as grandes verdades da natureza e os abstratos princípios da lei natural, as forças vitais do universo foram personificados, tornando-se os deuses e deusas das mitologias antigas. Enquanto as multidões ignorantes traziam suas oferendas aos altares de Priapo e Pan [divindades representantes das energias procriativas], o sábio reconhecia nessas estátuas de mármore apenas a concretização simbólica das grandes verdades abstratas.

Em todas as cidades do mundo antigo existiam templos para a adoração pública e oferendas. Em todas as comunidades também havia filósofos e místicos, profundamente versados na erudição da Natureza. Tais indivíduos usualmente uniam-se, formando seletivas escolas filosóficas e religiosas. O mais importante destes grupos era conhecido como os Mistérios. Muitas das grandes mentes da antiguidade foram iniciadas nessa fraternidade secreta por estranhos e misteriosos rios, alguns dos quais eram extremamente cruéis. Alexander Wilder definiu os Mistérios como “Dramas sagrados realizados em períodos determinados. Os mais celebrados foram o de Ísis, Sabazio [*Sabazius*], Cibele [*Cybele*], e Elêusis [*Eleusis*].” Após serem admitidos, os iniciados eram instruídos na sabedoria sagrada que havia sido preservada por eras. Platão, um iniciado em uma dessas ordens sagradas, foi severamente criticado porque em seus escritos revelou ao público muitos dos princípios filosóficos secretos dos Mistérios.

Cada nação pagã tinha [e tem] não apenas a sua religião de Estado, mas outra na qual os filósofos eleitos ganhavam acesso. Muitos desses cultos antigos desapareceram da terra sem revelar seus segredos, mas alguns poucos sobreviveram à prova das eras e seus símbolos misteriosos ainda estão preservados. Muito do ritualismo maçônico [*Freemasonry*] é baseado nas provas que cada candidato era submetido pelos antigos hierofantes antes que a chave da sabedoria lhes fosse confiada.

Poucos percebem a extensão com que as escolas secretas antigas influenciaram intelectos contemporâneos e, através daquelas mentes, a posteridade. Robert Macoy, 33º, em sua “História Geral da Maçonaria” [*General History of Freemasonry*], paga um magnífico

XXXVIII

tributo ao papel desempenhado pelos Mistérios antigos na edificação da cultura humana. Ele diz, em certa parte: “Parece que toda a perfeição da civilização, e todo avanço feito pela filosofia, ciência, e arte, ocorrida entre os antigos são devidos a estas instituições, as quais, sob o véu do mistério, procuravam ilustrar as sublimes verdades da religião, moralidade, e virtude, e imprimi-los no coração de seus discípulos. Sua meta era ensinar a doutrina de um Deus, a ressurreição do homem para a vida eterna, a dignidade da alma humana, e conduzir o povo para ver a sombra da divindade, na beleza, magnificência, e esplendor do universo.”

Com o declínio da virtude, o qual tem precedido a destruição de toda nação na história, os Mistérios tornaram-se pervertidos. A feitiçaria tomou o lugar da magia divina. Práticas indescritíveis [tais como o Bacanalia] foram introduzidos, e a perversão governou suprema; nenhuma instituição é capaz de ser melhor do que os membros que a compõem. Em desespero, uns poucos verdadeiramente buscavam preservar as doutrinas secretas do esquecimento. Em alguns casos ele foram bem-sucedidos, mas mais frequência o arcano era perdido e somente uma casca vazia dos Mistérios permanecia.

Thomas Taylor escreveu: “O Homem é naturalmente um animal religioso.” Desde o primeiro alvorecer de sua consciência, o homem adora e reverência coisas como símbolo da Matéria invisível, onipresente e indescritível, a respeito da qual ele poderia descobrir praticamente nada. Os pagãos Mistérios opuseram-se ao Cristãos durante os primeiros séculos de sua igreja, declarando que a nova crença [Cristandade] não demandava virtude ou integridade como requisitos para a salvação. Celso expressou-se sobre o assunto, de forma sarcástica, nos seguintes termo:

“Contudo, que eu não acuse os Cristãos mais amargamente do que a verdade compele, mas pode-se conjecturar, então, que os pregadores que chamam os homens a outros mistérios proclamam o seguinte: 'Deixei-o se aproximar daquele cujas mãos são puras, e daquele cujas palavras são sábias'. E de novo,

outros proclamam: 'Deixe-o se aproximar daquele que é puro de toda a maldade, daquele cuja alma não carrega nenhum mal e que conduz a uma vida justa e correta'. E essas coisas são proclamadas por aqueles que prometem a purificação dos erros. Vamos ouvir agora àqueles que são chamados para os mistérios Cristãos: quem quer que seja um pecador, quem quer que seja imprudente, quem quer que seja um tolo, e quem quer que seja, em suma, um miserável, a ele o reino de Deus receberá. Você não chama, dessa forma, um pecador, um homem injusto, um gatuno, um arrombador, um prestidigitador, aquele que é ímpio, e um assaltante, de sepulcros? Que outras pessoas iriam o pregador designar? Quem deveria chamar a todos os bandidos?”

Não foi a verdadeira fé dos primórdios do Cristianismo que Celso atacou, mas as falsas formas de adulação existentes em sua época. Os ideais dos primórdios do Cristianismo eram baseados nos mais altos padrões morais dos pagãos Mistérios, e os primeiros cristãos, que se reuniram sob a cidade de Roma, usavam como seus lugares de adoração os templos subterrâneos de Mitra, culto do qual derivou muito do sacerdotalismo da igreja moderna.

Os filósofos antigos acreditavam que homem algum poderia viver inteligentemente se não possuísse um conhecimento fundamental da Natureza e de suas leis. Antes do homem obedecer, ele deve entender, e os Mistérios devotaram-se a instruir o Homem nas operações da lei divina na esfera terrena. Poucas das primeiras culturas atualmente adoram divindades antropomórficas, apesar de o simbolismo levar a crer que o façam. Eles eram mais moralistas do que religiosos; filosóficos mais do que teológicos. Eles acreditavam que o Homem deveria usar suas faculdades de forma mais inteligente, a ser paciente em face da adversidade, a ser corajoso quando confrontado pelo perigo, a ser verdadeiro em meio a tentação, e, acima de tudo, ver uma vida honrada como o mais justo sacrifício a Deus, e seu corpo como um altar sagrado para a Divindade.

A adoração ao sol desempenhou um importante papel em quase todos os primitivos

Mistérios pagãos. Isto indica a probabilidade de sua origem Atlante, uma vez que as pessoas de Atlantis eram adoradoras do sol. A Divindade Solar era usualmente personificada como um belo jovem, com longo cabelo dourado para simbolizar os raios do sol. Este Deus dourado do Sol foi assassinado por rufiões perversos, os quais personificavam o princípio malévolo do universo. Por meio de certos rituais e cerimônias, símbolos de purificação e regeneração, este maravilhoso Deus do Bem foi trazido de volta à vida e tornou-se salvador de Seu povo. Os processos secretos através dos quais Ele foi ressuscitado simbolizavam aquelas culturas, e por meio dos seus significados o Homem é capaz de superar a natureza inferior, dominar seus desejos, e dar expressão ao lado mais nobre de si mesmo. Os Mistérios foram organizados com o propósito de auxiliar o esforço da criatura humana em despertar os poderes espirituais, os quais, cercados pelo anel de fogo da luxúria e da degeneração, repousam no interior de sua alma. Em outras palavras, ao Homem foi oferecido um caminho pelo qual ele poderia recuperar sua herança perdida [Veja Siegfried, de Wagner]. No mundo antigo, quase todas as sociedades secretas eram filosóficas e religiosas. Durante os séculos medievais, elas eram principalmente religiosas e políticas, contudo poucas escolas filosóficas permaneceram. Nos tempos modernos, as sociedades secretas, nos países Ocidentais, são amplamente políticas e fraternais, embora em algumas delas, como a Maçonaria, os princípios das religiões e filosofias antigas ainda sobrevivam.

O espaço proíbe uma discussão detalhada das escolas secretas. Havia, literalmente, dezenas dessas culturas antigas, com diversas ramificações em todas as partes do leste e do oeste do mundo. Algumas, como a de Pitágoras e os Hermetistas, mostravam uma determinada influência Oriental, enquanto os Rosacrucianos, de acordo com suas próprias promulgações, obtiveram muitos de sua sabedoria dos místicos Árabes. Embora as escolas dos Mistérios sejam usualmente associados com a civilização, há evidências de que os povos não civilizados das épocas pré-

históricas tinham deles conhecimento. Nativos de ilhas distantes, muitos mas formas mais baixas de selvageria, possuíam rituais místicos e práticas secretas que, apesar de primitivas, são de uma decidida coloração Maçônica.

OS MISTÉRIOS DRUÍDICOS DA BRETANHA E DA GÁLIA

Os habitantes originais e primitivos da Bretanha, em algum período remoto, reviveram e reformaram seus institutos nacionais. Seus sacerdotes, ou preceptores, tinham até então sido chamados simplesmente de *Gwydd*, mas considerou-se necessário dividir essa função entre o sacerdote nacional, ou superior, e outro cuja influência [seria] mais limitada. A partir daí, o primeiro tornou-se o *Der-Wydd* [Druid, Druida], ou preceptor superior, e [o último] *Go-Wydd*, ou *O-Iydd* [Ovate, ovais], subordinado ao preceptor; e ambos atendiam pelo nome geral de *Beirdd* [Bards, Bardos], ou professores de sabedoria. Enquanto o sistema maturava e aumentava, o Ordem Barda consistia em três classes, os “*Druids*” [Druidas], os “*Beirdd Braint*”, ou Bardos privilegiados, e os “*Ovates*” [Ovais]”. [Veja Samuel Meyreick and Charles Smith, “O Costume dos Habitantes Originais das Ilhas Britânicas” - *The Costume of The Original Inhabitants of The British Islands*]. Empreendimento de grande importância era iniciado sem a assistência destes patriarcas, que eram os mediadores entre os deuses e o homem. A Ordem Druídica é merecidamente reconhecida como tendo um profundo conhecimento da Natureza e de suas leis. A Enciclopédia Britânica afirma que a geografia, a ciência física, a teologia natural, e a astrologia compunham seus estudos favoritos. Os Druidas tinham um conhecimento fundamental de medicina, especialmente do uso das ervas. Instrumentos cirúrgicos rudimentares têm sido encontrados na Inglaterra e na Irlanda. Um tratado ímpar dos primórdios da medicina Britânica afirma que esperava-se, de todo o médico, que possuísse um jardim ou quintal para o cultivo de certas

ervas necessárias à sua profissão. Eliphas Levi, o celebrado transcendentalista, fez a seguinte importante afirmação:

A origem da palavra “Druida” é discutível. Max Müller acredita que, como a palavra irlandesa “*Druí*”, ela significa “os homens das árvores de carvalho”. Ele também chama a atenção para o fato de que os deuses da floresta e as divindades das árvores dos gregos eram chamadas dríades. Alguns acreditam que a palavra possui origem Teutônica; outros asseguram que é galesa. Poucos a ligam à palavra do gaélico druídico, a qual significa “um homem sábio”, ou “um feiticeiro”. Em sânscrito a palavra “*dru*” significa “madeira”.

Na época da conquista Romana, os Druidas estavam cuidadosamente abrigados na Bretanha e na Gália. Seu poder sobre o povo era inquestionável, e havia casos de exércitos, prontos a se atacarem, que embainhavam suas espadas quando ordenados a fazê-lo pelos Druidas de túnicas brancas. Nenhum grande.

“Os Druidas eram sacerdotes e médicos, curando pelo magnetismo e por amuletos carregados com sua influência fluídica. Seus remédios universais eram o visco e os ovos de serpentes, porque essas substâncias atraem a luz astral de uma maneira especial. A solenidade com que cada visco era cortado infundia nessa planta a crença popular e tornava-a poderosamente magnética. [...] O progresso do magnetismo irá um dia nos revelar as propriedades de absorção do visco. E então entenderemos o segredo desses crescimentos esponjosos que atraem as virtudes não utilizadas das plantas e tornam-se sobrecarregados de extratos e sabores. Cogumelos, trufas, tufos nas árvores, e os diferentes tipos de viscos serão utilizados com entendimento pela ciência médica, a qual será nova porque é velha [...] mas não se deve avançar mais rápido do que a ciência, a qual retrocede para poder avançar mais ainda.” [Veja “A História da Magia” - *The History of Magic*].



A Hierofante Feminina dos Mistérios

Da obra “Antiguidades”, de Montfaucon [*Antiquities*].

Esta ilustração mostra Cibele, aqui chamada de Deusa Síria, com o manto de um hierofante. Montfaucon descreve a figura da seguinte forma: “Acima de sua cabeça está uma mitra episcopal, adornada na parte inferior com torres e pináculos; sobre o portão da cidade está um símbolo, e sob o círculo das muralhas, uma coroa de raios. A Deusa veste uma espécie de sobrepeliz, exatamente como a sobrepeliz de um padre ou bispo; e sobre a sobrepeliz uma túnica, a qual estende-se até suas pernas; e sobre tudo uma veste sacerdotal episcopal, com os doze signos do zodíaco forjados nas bordas. A figura possui um leão em cada lado, e segura na mão esquerda um tímpano, um sistro, uma roca e um caduceu, e outro instrumento. Em sua mão direita, ela segura com seu dedo mediano um raio e sobre o mesmo braço existem animais, insetos, e, tanto quanto se pode adivinhar, flores, frutas, um arco, uma aljava, uma tocha e uma foice”. O paradeiro da estátua é desconhecido, a cópia reproduzida por Montfaucon foi desenhada por Pirro Ligorio.

XLI

O visco não era apenas sagrado como símbolo da medicina universal, ou panaceia, mas também pelo fato de crescer na árvore Carvalho. Através do símbolo do Carvalho, os Druidas adoravam a Divindade Suprema; portanto, tudo o que crescia naquela árvore era consagrado a Ele.

Em certas estações, de acordo com a posição do sol, da lua e das estrelas, o Arquidruída escalava o Carvalho e cortava o visco com uma foice ungida para aquela função. O crescimento parasitário era colhido com roupas brancas elaboradas para esse propósito, para que assim não tocasse o chão e fosse contaminado com as vibrações terrenas. Normalmente um sacrifício de um touro branco era feito sob a árvore.

Os Druidas eram os iniciados de uma escola que existia em seu meio. Esta escola, que se assemelhava muito aos Báquicos e aos Mistérios Eleusinos da Grécia ou aos ritos egípcios de Ísis e Osíris, é justamente designada como Mistérios Druídicos. Tem havido muita especulação sobre a sabedoria secreta que os Druidas alegavam possuir. Seus ensinamentos secretos nunca eram escritos, mas comunicados oralmente a candidatos especialmente preparados. Robert Brown, 32º, defende que os sacerdotes Britânicos preservaram suas informações dos tírios e dos navegadores fenícios que, milhares de anos antes da Era Cristã, estabeleceram colônias na Bretanha e na Gália, enquanto buscavam por estanho. Thomas Maurice, em sua obra “Antiguidades Indianas” [Indian Antiquities], discursa longamente sobre as expedições fenícias, cartaginesas, e gregas nas Ilhas Britânicas com o propósito de procurar por estanho. Outros são da opinião de que os Mistérios tão celebrados pelos Druidas possuíam origem Oriental, possivelmente Budista.

A proximidade das Ilhas Britânicas com a perda de Atlantis pode explicar a adoração ao sol, a qual desempenha um papel importante nos rituais do druidismo. De acordo com Artemidoro, Ceres e Perséfone eram adoradas em uma ilha próximo da Bretanha com ritos e cerimônias similares aos da Samotrácia. Não há dúvidas de que o

panteão Druídico inclui um grande número de divindades Gregas e Romanas. Esta magnificência maravilhou César durante sua conquista da Bretanha e da Gália, e o levou a afirmar que essas tribos adoravam Mercúrio, Apolo, Marte e Júpiter, de uma maneira similar ao dos países Latinos. É quase certo que os Mistérios Druídicos não eram nativos da Bretanha ou da Gália, mas imigrantes de uma das mais antigas civilizações.

A escola dos Druidas era dividida em três partes distintas, e os ensinamentos secretos lá fixados são praticamente os mesmos que os Mistérios ocultaram sob as alegorias da Loja Azul Maçônica. A mais inferior das três divisões era o “*Ovate*” [Ovydd]. Este era um grau honorífico, não requerendo especial purificação ou preparação. Os “*Ovates*” vestiam-se de verde, a cor Druídica do aprendizado, e era esperado que soubessem algo sobre medicina, astronomia, se possível poesia, e, algumas vezes, música. Um “*Ovate*” era um indivíduo admitido na Ordem Druídica por causa de sua excelência geral e conhecimento superior sobre os problemas da vida.

A segunda divisão consistia no Bardo [Beirdd]. Seus membros trajavam-se em cor azul do céu, para representar a harmonia e a verdade, e a eles era conferido o trabalho de memorizar, ao menos em parte, os vinte mil versos da poesia Druídica sagrada. Eles eram comumente retratados com a primitiva harpa britânica ou irlandesa - um instrumento cujo encordoamento era de cabelo humano e que possuía tantas cordas quantas costelas existentes de um lado de um corpo humano. Esses bardos eram frequentemente escolhidos como professores de candidatos que procuravam ingressar nos Mistérios Druídicos. Neófitos usavam vestes listradas em azul, verde e branco, sendo essas as três cores sagradas da Ordem Druídica.

A terceira divisão era aquela dos Druidas [Derwyddon]. Sua função específica era ministrar as necessidades espirituais ao povo. Para atingir esta honra, o candidato devia tornar-se primeiro um Bardo Braint [Bard Braint]. Os Druidas sempre se vestiam de branco - simbolizando sua pureza, e

XLII

também era a cor que usavam para simbolizar o sol.

Para alcançar a exaltada posição de Arquidruída [*Arch-Druid*], ou o líder espiritual da organização, era necessário ao sacerdote passar por seis sucessivos degraus da Ordem Druídica. [Os membros dos diversos graus eram diferenciados pelas cores de suas cintas, todos eles vestindo túnicas brancas].

Muitos autores têm a opinião de que o título de Arquidruída [*Arch-druid*] era hereditário, de pai para filho, mas é mais provável que essa honra fosse conferida por eleição. O designado era escolhido pela sua virtude e integridade, pelos mais sábios membros dos mais altos graus Druídicos.

De acordo com James Gardner, havia usualmente dois Arquidruídas na Bretanha, um residente na Ilha da Anglesia [*Isle of Anglesea*] e o outro na Ilha do Homem [*Isle of Man*].

Presumivelmente existiam outros na Gália. Estes dignatários geralmente portavam cetros de ouro e eram coroados com grinaldas de folhas de Carvalho, símbolos de sua autoridade. Os membros mais jovens da Ordem Druídica eram barbeados e modestamente trajados, mas os mais idosos possuíam longas barbas cinzentas e trajavam magníficos ornamentos de ouro. O sistema educacional dos Druidas na Bretanha era superior ao de seus colegas do Continente, e consequentemente muitos dos jovens Gaélicos eram enviados às escolas Druídicas na Bretanha, pela sua instrução e pelo seu treinamento filosófico.

Eliphas Levi afirma que os Druidas viviam em estrita abstinência, estudavam as ciências naturais, preservavam o sigilo profundo, e admitiam novos membros apenas após um longo período probatório.

O Arquidruída em seus trajes cerimoniais



Da obra “Antiga Medicina Galesa”, de Wellcome [*Ancient Cymric Medicine*].

O adorno mais marcante do Arquidruída era o *iodhan moran*, ou o peitoral do juízo, o qual possuía o Poder misterioso de estrangular qualquer um que realizasse afirmações falsas enquanto o vestisse. Godfrey Higgins afirma que este peitoral era posto no pescoço de testemunhas para atestar a veracidade de seus depoimentos. A tiara Druídica, ou *anguinum*, possuía uma fronte em relevo com um número de pontos que representam os raios de sol, indicando que o sacerdote era a personificação do sol nascente. Na frente de seu cinto, o Arquidruída vestia o *liath meisicith* – um broche mágico ou fivela, no centro da qual encontrava-se um grande pedra branca. A ela era atribuído o poder de atrair do firmamento o fogo dos Deuses, ao comando do sacerdote. Essa pedra especialmente cortada era uma espécie de lente, através da qual os raios do sol eram concentrados para acender as chamas do Altar. Os Druidas também possuíam

outros implementos simbólicos, tais como a peculiar foice de ouro, com a qual cortavam o visco do Carvalho, ou o *cornan*, ou cetro, em forma de um quarto-crescente, símbolo do sexto dia da lua crescente, e também a Arca de Noé. Um recém-iniciado nos Mistérios Druídicos relatou que a sua admissão para as cerimônias da meia-noite foi obtida por meio de um barco de vidro, chamado *Cwrwg Gwydrin*. Este barco simbolizava a lua, que, flutuando sobre as águas da eternidade, preservava as sementes das criaturas vivas no interior de sua crescente em forma de barco.

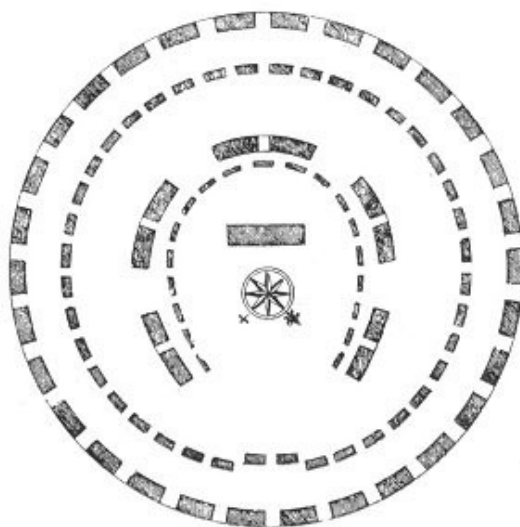
XLIII

Muitos dos sacerdotes da ordem viviam em construções não muito diferentes dos monastérios do mundo moderno. Eles associavam-se em grupos como os ascetas do Extremo Oriente. Embora o celibato não fosse exigência, poucos deles se casavam. Muitos dos Druidas afastavam-se do mundo e viviam reclusos em cavernas, em rudes casas de pedra, ou em pequenos casebres nos recantos profundos das florestas. Lá eles oravam e medicavam [meditavam], emergindo apenas para cumprir seus deveres religiosos.

James Freeman Clark, em sua obra “Dez Grandes Religiões” [*Ten Great Religions*], descreve a crença dos Druidas assim:

“Os Druidas acreditavam em três mundos e na transmigração de um para outro: em um mundo acima deste, onde a felicidade

predomina; em um mundo abaixo, de miséria; e a condição presente. Esta transmigração era uma punição ou recompensa e também uma purificação da alma. No mundo presente, diziam eles, Bem e Mal estão tão exatamente equilibrados que o homem possui a máxima liberdade e é capaz de escolher ou rejeitar qualquer deles. As Tríades Galesas nos contam que há três objetos de metempsicose: coletar no interior da alma as propriedades de todos os seres, adquirir conhecimento de todas as coisas, e adquirir poder para vencer o mal. Há também, dizem eles, três tipos de conhecimento: conhecimento da natureza de cada coisa, de sua causa, e de sua influência. Há três coisas que continuamente crescem menos: escuridão, falsidade e morte. Há três coisas que constantemente se desenvolvem: luz, vida e verdade”.



A Planta Baixa de Stonehenge

Da obra Antiguidades Indianas, de Maurice. [Indian Antiquities]

Os templos Druidas de locais de adoração religiosas não foram idealizados após os de outras nações. Grande parte de suas cerimônias eram realizadas à noite, quer em densos bosques de árvores de carvalho ou a céu aberto ao redor de alteres feitos de grandes pedras brutas. Como essas maciças pedras eram movidas ainda não foi satisfatoriamente explicado. O mais famoso de seus altares, um grande círculo de pedras, é o Stonehenge, no sudoeste da Inglaterra. Esta estrutura, posicionada em bases astronômicas, ainda resiste, uma maravilha da antiguidade].

XLIV

James Freeman Clark, em sua obra “Dez Grandes Religiões” [*Ten Great Religions*], descreve a crença dos Druidas assim: “Os Druidas acreditavam em três mundos e na transmigração de um para outro: em um mundo acima deste, onde a felicidade predomina; em um mundo abaixo, de miséria; e a condição presente. Esta transmigração era uma punição ou recompensa e também uma purificação da alma. No mundo presente, diziam eles, Bem e Mal estão tão exatamente equilibrados que o homem possui a máxima liberdade e é capaz de escolher ou rejeitar qualquer deles. As Tríades Galesas nos contam que há três objetos de metempsicose: coletar no interior da alma as propriedades de todos os seres, adquirir conhecimento de todas as coisas, e adquirir poder para vencer o mal. Há também, dizem eles, três tipos de conhecimento: conhecimento da natureza de cada coisa, de sua causa, e de sua influência. Há três coisas que continuamente crescem menos: escuridão, falsidade e morte. Há três coisas que constantemente se desenvolvem: luz, vida e verdade.

Como quase todas as escolas dos Mistérios, os ensinamentos dos Druidas eram divididos em duas seções distintas. A mais simples, um código moral, era ensinada a todo o povo, enquanto a doutrina mais profunda, esotérica, era dada apenas aos sacerdotes iniciados. Para ser admitido na ordem, ao candidato era necessário ser de uma boa família e possuir um elevado atributo moral. Nenhum segredo importante era a ele confiado até que tivesse sido tentado em várias formas e sua força de caráter severamente testada. Os Druidas ensinaram ao povo da Bretanha e da Gália a respeito da imortalidade da alma. Eles acreditavam na transmigração e aparentemente na reencarnação. Eles tomavam emprestado numa vida, prometendo pagar de volta na próxima. Eles acreditavam em um inferno de purgatório, onde seriam purgados de seus pecados, posteriormente passando à felicidade na união com os deuses. Os Druidas ensinavam que todos os homens seriam salvos, mas que alguns deveriam retornar à terra muitas vezes para aprender as lições da vida humana e para superar o mau inerente de suas

próprias naturezas.

Antes que as doutrinas secretas dos Druidas fossem confiadas a um candidato, ele era obrigado por um voto de segredo. Essas doutrinas eram transmitidas apenas nas profundezas das florestas e na escuridão das cavernas. Nestes lugares, longe da presença dos homens, o neófito era instruído sobre a criação do universo, as personalidades dos deuses, as leis da natureza, os segredos da medicina oculta, os mistérios dos corpos celestiais, e sobre as noções rudimentares dos encantamentos e artes mágicas. Os Druidas possuíam um grande número de dias festivos. A lua nova, a lua cheia e o sexto dia da lua eram períodos sagrados. Acredita-se que as iniciações ocorriam apenas nos dois solstícios e nos dois equinócios. Na aurora do dia vinte e cinco de dezembro, o nascimento do Deus do Sol era celebrado.

Os ensinamentos secretos dos Druidas, diziam alguns, possuíam traços da filosofia Pitagórica. Os Druidas possuíam uma Madonna, ou Virgem Mãe, com uma Criança em seus braços, que era sagrada para os seus Mistérios; e o seu Deus do Sol era ressuscitado no mesmo período do ano em que os modernos Cristãos celebram a Páscoa.

Tanto a cruz quanto a serpente eram sagradas para os Druidas, que construíam a primeira cortando todos os ramos de um Carvalho e fixando um deles no tronco principal, na forma da letra “T”. Esta cruz de Carvalho tornou-se símbolo de sua Divindade superior. Eles também adoravam o sol, a lua e as estrelas. A lua recebia especial veneração. César [*Caesar*] afirmava que Mercúrio era uma das principais divindades dos Gauleses. Acredita-se que os Druidas veneravam Mercúrio sob a forma de um cubo de pedra. Eles também possuíam veneração pelos espíritos da Natureza [fadas, gnomos e ninfas], pequenas criaturas das florestas e rios, para as quais muitas oferendas eram feitas. Ao descrever os templos dos Druidas, Charles Heckethorn, em “As Sociedades Secretas de Todas as Eras e Países” [*The Secret Societies of All Ages & Countries*], diz:

“Os seus templos, em que o fogo sagrado era preservado, eram geralmente

situados nas eminências e no interior de densos bosques de Carvalho, e assumiam várias formas – circular, pois o círculo era o símbolo do universo; oval, em alusão ao ovo cósmico, do qual surgiu, de acordo com a tradição de muitas nações, o universo, ou, de acordo com outros, nossos primeiros antepassados; sinuoso, porque a serpente era o símbolo de *Hu*, o Osíris Druídico; cruciforme, pois a cruz era um emblema de regeneração; em forma de asas, para representar o movimento do Espírito Divino [...] Suas principais divindades eram duas – um masculino e uma feminina, o grande pai e a grande mãe – *Hu* e *Ceridwen*, distinguidos pelas mesmas características pertencentes a Osíris e Ísis, Baco e Ceres, ou qualquer outro deus e deusa supremo que representam dois princípios de todo o Ser.”

Godfrey Higgins afirma que *Hu*, o poderoso, é considerado como o primeiro colonizador da Bretanha, vindo de um lugar chamado de Nação do Sol, atual localização de Constantinopla [Istambul]. Albert Pike diz que a Palavra Perdida da Maçonaria está oculta no nome do Deus Druida *Hu*. As poucas informações existentes sobre as iniciações secretas dos Druidas indicam uma inegável similaridade entre sua escola de Mistérios e as escolas da Grécia e do Egito. *Hu*, o Deus do Sol, foi morto e, após uma série de provações e rituais místicos estranhos, foi restaurado à vida.

Há três graus de Mistérios Druídicos, mas poucos passam por todos eles com sucesso. O candidato era enterrado em um caixão, como símbolo da morte do Deus do Sol. O teste supremo, contudo, era ser enviado ao oceano em um barco aberto. Ao serem submetidos a esta provação, muitos perderam suas vidas. *Taliesin*, um antigo sábio, que passou pelos Mistérios, descreve a iniciação em um barco aberto na “Idolatria Pagã de Faber” [*Faber’s Pagan Idolatry*]. Aos poucos que passavam neste terceiro grau, dizia-se terem “nascido de novo”, e eram instruídos nos segredos e verdades ocultas que os sacerdotes Druidas haviam preservado desde a Antiguidade. Destes iniciados foram escolhidos muitos dos dignatários da Bretanha

e do mundo político. [Para mais detalhes, ver “Idolatria Pagã de Faber” - *Faber’s Pagan Idolatry* -; *Moral e Dogma*, de Albert Pike e *Druidas Celtas* - *Celtic Druids*-, de Godfrey Higgins].

OS RITOS DE MITRA

Quando os Mistérios persas imigraram para o sul da Europa, foram rapidamente assimilados pela mente latina. O culto cresceu rapidamente, especialmente entre os soldados Romanos, e durante as guerras romanas de conquista, os ensinamentos eram levados pelos legionários para quase todas as partes da Europa. O culto de Mitra tornou-se tão poderoso que ao menos um Imperador Romano foi iniciado na ordem, a qual encontrava-se em cavernas abaixo da cidade de Roma. Sobre a disseminação dessa escola de Mistério por diferentes partes da Europa, C. W. King, na sua obra “Gnósticos e suas relíquias” [*Gnostics and Their Remains*], diz:

“Os Baixos-relevos Mitraicos feitos nas faces das rochas ou em placas de pedras ainda são abundantes nos países que antigamente formavam a fronteira ocidental do Império Romano; muitos são encontrados na Alemanha, mais ainda na França, e nesta Ilha [Bretanha] eles têm sido frequentemente descobertos na linha do Muro de Pictos [Muralha de Adriano] e nas já conhecidas pedras em Bath”.

Alexander Wilder, em sua obra “Filosofia e Ética dos Zoroastros” [*Philosophy and Ethics of the Zoroasters*], afirma que Mitra é o título Zenda para o sol, e ele deveria orbitar habitar o interior daquela esfera brilhante. Mitra possui um aspecto masculino e feminino, apesar de não ser andrógono. Como “Mitras”, ele é o vau do sol, poderoso e radiante, e o mais magnífico dos *Yazatas* [Izadas, ou gênio, do sol]. Como “Mitra”, esta divindade representa o princípio feminino; o universo mundano é reconhecido como seu símbolo. Ela representa a Natureza como receptiva e terrena, e frutífera apenas quando banhada pela glória da esfera solar. O Culto

XLVI

Mitraico é uma simplificação dos mais elaborados ensinamentos de Zoroastro [*Zaratustra*], o Mago persa do fogo.

De acordo com os Persas, coexistiam na eternidade dois princípios. O primeiro deles, *Ahura-Mazda*, ou *Ormuzd*, era o espírito do Bem. A partir de *Ormuzd* surgiram um número de hierarquias espíritos bons e belos [anjos e arcanjos]. O segundo desses princípios eternos existentes era chamado *Ahriman*. Ele também era um espírito puro e belo, mas posteriormente ele rebelou-se contra *Ormuzd*, por inveja de seu poder.

Isto não ocorreu, porém, até depois de *Ormuzd* ter criado a luz, pois *Ahriman* não estava consciente da existência de *Ormuzd*. Por causa de sua inveja e rebelião, *Ahriman* tornou-se o Espírito do Mal. A partir de si mesmo, ele individualizou uma série de criaturas para ferir *Ormuzd*.

Quando *Ormuzd* criou a terra, *Ahriman* permeou em seus elementos brutos. Sempre que *Ormuzd* realizava uma boa ação, *Ahriman* inseria o princípio do mal nela. Finalmente, quando *Ormuzd* criou a raça humana, *Ahriman* tornou-se incarnado na natureza mais inferior do homem, de tal modo que em cada personalidade o Espírito do Bem e o Espírito do Mal batalham pelo controle. Durante 3.000 anos *Ormuzd* governou os mundos celestiais com luz e bondade. Então ele criou o Homem. Durante outros 3.000 anos ele governou o Homem com sabedoria e integridade. Então o poder e *Ahriman* teve início, e a batalha pela alma do Homem continua pelos 3.000 anos seguintes. Durante o quarto período de 3.000 anos, o poder de *Ahriman* será destruído. O Bem retornará ao mundo novamente, o mal e a morte serão vencidos, e por fim o Espírito do Mal irá se curvar humildemente perante o trono de *Ormuzd*. Enquanto *Ormuzd* e *Ahriman* lutam pelo controle da alma humana e pela supremacia na Natureza, Mitras, Deus da Inteligência, mentem-se como mediador entre os dois. Muitos autores têm notado a similaridade entre o mercúrio e Mitras. Como o mercúrio químico age como solvente [de acordo com os alquimistas], assim Mitras busca harmonizar os dois opostos celestes.

Existem muitos pontos de semelhança

entre o Cristianismo e o culto de Mitra. Uma das razões foi, provavelmente, a invasão dos místicos Persas na Itália durante o primeiro século depois de Cristo e a história primitiva desses dois cultos estiveram intimamente entrelaçados. A Enciclopédia Britânica faz a seguinte afirmação sobre os Mistérios Mitraicos e Cristãos:

“O espírito fraternal e democrático das primeiras comunidades, e sua origem humilde; a identificação do objeto de adoração com a luz e o sol; as lendas dos pastores com seus dons e adoração, o dilúvio e a arca; a representação em arte da carruagem de fogo, a extração de água da pedra; o uso do sino e da vela, da água sagrada e da comunhão; a santificação do domingo e do dia 25 de dezembro; a insistência na conduta moral, a ênfase depositada na abstinência e no autocontrole; a doutrina do paraíso e do inferno, da primitiva revelação, da mediação do *Logos* emanado do divino, o sacrifício expiatório, a constante batalha entre o bem e o mal e o final triunfo do primeiro, a imortalidade da alma, o último julgamento, a ressurreição da carne e o fogo da destruição do universo – [esses] são alguns das semelhanças que, sejam reais ou apenas aparentes, permitiram ao Mitraísmo prolongar-se sua resistência ao Cristianismo.”

Os ritos de Mitra eram realizados em cavernas. Porfírio [*Porphyry*], em sua obra “Caverna das Ninfas” [*Cave of the Nymphs*]. Afirmar que Zoroastro [*Zaratustra*] foi o primeiro a consagrar uma caverna para a adoração de Deus, por ser a caverna símbolo da terra, ou o mundo inferior da escuridão. John P. Lundy, em seu livro “Cristandade Monumental” [*Monumental Christianity*] descreve a caverna de Mitra assim:

“Mas esta caverna era adornada com os signos do zodíaco, Câncer e Capricórnio. Os solstícios de verão e de inverno eram os principais conspícuos, enquanto portões das almas que descem para esta vida, ou passam por eles quando ascendem aos Deuses; Câncer sendo o portão de descida, e Capricórnio, de ascendida. Estas são as duas avenidas em que os imortais passam para cima e para baixo, da

XLVII

terra para o paraíso, e do paraíso para a terra.”

Acredita-se que a chamada cadeira de São Pedro, em Roma, tenha sido usada em um dos Mistérios Pagãos, possivelmente o de Mitra, em cujas grutas subterrâneas os devotos dos Mistérios Cristãos conheceram seus primeiros dias de fé. Em *Anacalypsis*, Godfrey Higgins escreve que em 1662, enquanto era limpa a sagrada cadeira de Barjonas, os Doze trabalhos de Hércules foram nela descobertos, e que, mais tarde, os franceses descobriram na mesma cadeira as confissões de fé de Maomé, escrito em Árábico.

A iniciação nos ritos de Mitra, como a iniciação em muitas das escolas ancestrais de filosofia, aparentemente consistia em três importantes graus. A preparação para esses três graus constituía-se na autopurificação, na construção de poderes intelectuais, e no controle da natureza animal. No primeiro grau, ao candidato, na ponta de uma espada, era dada uma coroa e ele era instruído nos poderes dos mistérios ocultos de Mitra. Possivelmente ele era ensinado que a coroa dourada representava sua própria natureza espiritual, a qual deveria ser objetivada e revelada antes que pudesse verdadeiramente glorificar a Mitra; pois Mitra era sua própria alma, servindo como mediador entre *Ormuzd*, seu espírito, e *Ahriman*, sua natureza animal. No segundo grau, a ele era conferida a armadura da inteligência e da pureza, e mandado à escuridão dos poços subterrâneos para lutar contra as bestas da luxúria, paixão e degeneração. No terceiro grau, ele recebia uma capa, na qual eram desenhados ou tecidos os signos do zodíaco e outros símbolos astronômicos. Após sua iniciação ser concluída, ele era saudado como alguém que ressuscitou da morte, era instruído nos ensinamentos secretos dos místicos Persas, e tornava-se membro de pleno direito da ordem. Candidatos que com sucesso passassem pelas iniciações Mitraicas eram chamados de Leões e eram marcados no fronte de sua testa com a cruz egípcia. Mitra é frequentemente retratado com a cabeça de um leão e dois pares de asas. Em todo o ritual eram repetidas referências ao nascimento de Mitra como o Deus do Sol, sua ressurreição e a salvação de toda a

humanidade por sua intercessão, antes do trono de *Ormuzd* [Veja Heckethron].

Embora o culto de Mitra não tenha atingido o grau filosófico alcançado por Zaratustra [*Zarathustra*], seu reflexo sobre o mundo Ocidental foi de largo alcance, e de uma só vez quase toda a Europa foi convertida em sua doutrina. Roma, em suas relações com as outras nações, inoculou-as com seus princípios religiosos; e muitas instituições posteriores exibiram a cultura Mitraica. A referência ao “Leão” e à “Pegada de Garra de Leão” no Grau de Mestre Maçom possui uma forte matiz Mitraica e pode facilmente ter-se originado deste culto. A escada de sete degraus aparece na iniciação Mitraica. Faber é da opinião de que a escada era originalmente uma pirâmide de sete etapas. É possível que a escada Maçônica com sete degraus tenha tido origem neste símbolo Mitraico. As mulheres nunca eram admitidas na Ordem Mitraica, mas crianças do sexo masculino eram iniciados logo após atingirem a maturidade. A recusa em permitir que mulheres ingressem na Ordem Maçônica talvez baseie-se na razão esotérica fornecida nas secretas instruções dos Mitraicos. Este culto é outro excelente exemplo das sociedades secretas cujas lendas são grandes representações simbólicas do sol e da sua jornada pelas casas celestiais. Mitra, surgindo de uma pedra, é meramente o sol nascendo no horizonte, ou, como os anciões supunham, além do horizonte, no equinócio vernal. John O’Neil contesta a teoria de que Mitra seria uma divindade solar. Na obra “Na Noite dos Deuses” [*In the Night of the Gods*] ele escreve: “O Mitra avéstico, o Yazata de luz, tem 10,000 olhos, alto, tem pleno conhecimento [*perethuvaedayana*], forte, nunca dorme e sempre desperto [*jaghaurvaunghem*]. O deus supremo *Ahura Mazda* também possui um Olho, ou então é dito que “com seus olhos, o sol, a lua e as estrelas, ele tudo vê”. A teoria de que Mitra era o título original do deus supremo celeste – deixando a do sol de lado – é a única que responde todas questões. Será evidente que aqui em abundância a origem para o Olho Maçônico e seu “*nunquam dormio*”. O leitor não deve confundir o Mitra Persa com o Mitra

XLVIII

Védico. De acordo com Alexandre Wilder, “Os ritos Mitraicos suplantaram os Mistérios de Baco [Bacchus], e tornaram-se a fundação do

sistema Gnóstico, o qual por muitos séculos prevaleceu na Ásia, Egito, e mesmo no Oeste remoto.

Mitra Sacrificando o Touro



Da obra “Cristianismo Monumental”, de Lundy. [Monumental Christianity]

A mais famosa escultura e relevo deste prototokos mostra Mitra ajoelhando-se sobre a forma de um grande boi jacente, para cuja garganta ele dirige uma espada. O sacrifício do touro significa que os raios de sol, simbolizados pela espada, liberam no equinócio vernal a essência da terra – o sangue do touro – o qual, vertendo pelo ferimento provocado pelo Deus do Sol, fertiliza as sementes das coisas vivas. Os cães eram considerados sagrados para o culto de Mitra, sendo símbolos da sinceridade e da confiança. Os Mitraicos utilizavam a serpente como símbolo de Ahriman, o espírito do mal, e os ratos da água eram atribuídos como sendo sagrados a ele. O touro é, esotericamente, a Constelação de

Touro; a serpente, seu oposto no zodíaco, Escorpião; o sol, Mitra, postando-se ao lado do touro, sacrifica a criatura celestial e nutre o universo com o seu sangue.]

O nascimento de Mitra



Da obra Antiguidades, de Montfaucon.

Mitra nasceu de uma pedra, a qual, sendo quebrada, permitiu-o emergir. Isto ocorreu na escuridão de uma câmara subterrânea. A Igreja da Natividade em Belém confirma a teoria de que Jesus nasceu em uma gruta, ou caverna. De acordo com Dupuis, Mitra foi morto por crucificação e ressuscitou no terceiro dia.

OS MISTÉRIOS ANTIGOS E AS SOCIEDADES SECRETAS

PARTE DOIS

∴

Toda a história do Gnosticismo cristão e pagão está envolta em profundos mistérios e obscuridade; pois, não obstante os Gnósticos fossem sem dúvidas prolíficos escritores, pouco de sua literatura sobreviveu. Eles atraíram para si mesmos a animosidade da Igreja Cristã primitiva, e quando esta instituição alcançou sua posição de poder mundial destruiu todos registros dos cultos Gnósticos disponíveis. O nome Gnóstico significa sabedoria, ou conhecimento, e é derivado do Grego *Gnosis*. Os membros da ordem afirmavam estar familiarizados com as doutrinas secretas da Cristandade primitiva. Eles interpretavam os Mistérios Cristãos de acordo com o simbolismo pagão. Suas informações secretas e princípios filosóficos eram ocultados dos profanos e ensinados apenas a um pequeno grupo de pessoas especialmente iniciadas.

Simão Mago [*Simon Magus*], o famoso mago do Novo Testamento, é usualmente considerado como o fundador do Gnosticismo. Se isto é verdade, a seita foi formada durante o século depois de Cristo e é provavelmente a primeira de muitas ramificações que nasceram a partir do tronco principal do cristianismo. Tudo com o que os entusiastas da Igreja Cristã primitiva não concordavam, declaravam ser inspiradas pelo Diabo. Que Simão, o Mago, possuía poderes misteriosos e sobrenaturais, admitiam até mesmo seus inimigos, mas estes sustentavam que tais poderes lhe eram outorgados por espíritos infernais e Fúrias, os quais aqueles afirmavam ser seus companheiros sempre presentes. Sem dúvida, a lenda mais interessante sobre Simão é aquela sobre sua disputa teosófica com o Apóstolo Pedro, enquanto ambos estavam proclamando suas diferentes doutrinas em Roma. De acordo com

a história que os Padres da Igreja preservaram, Simão deveria provar sua superioridade espiritual ascendendo ao céu em uma carruagem de fogo. Ele efetivamente foi carregado no ar por muitos metros por poderes invisíveis. Quando São Pedro viu aquilo, gritou em voz alta, ordenando que os demônios [espíritos do ar] libertassem seu domínio sobre o Mago. Os espíritos malignos, quando ordenados pelo grande santo, foram forçados a obedecer. Simão caiu de uma grande altura e foi morto, o que decisivamente provou a superioridade dos poderes Cristãos. A história é indubitavelmente manufaturada e criada, sendo apenas um dos muitos relatos sobre sua morte, poucas das quais sustentam-se. À medida que mais e mais evidências acumulam-se no sentido de que São Pedro nunca esteve em Roma, seu último possível vestígio de autenticidade está rapidamente sendo dissipado.

Que Simão era um filósofo não há dúvida, por onde quer que suas palavras sejam preservadas seu pensamento sintético e transcendental são belamente expressos. Os princípios do Gnosticismo são bem descritos na sua seguinte afirmação literal, supostamente preservada por Hipólito [*Hippolytus*]: “A você, portanto, eu digo o que eu digo, e escrevo o que escrevo. E a escrita é essa. Do universal *Æons* [períodos, planos, ou ciclos da vida criativa ou criada em substância e espaço, criaturas celestiais] há dois rebentos, sem início ou final, brotando de uma Raiz, a qual é o poder invisível, inapreensível silêncio [*Bythos*]. Desses rebentos, um é manifestado de cima, o qual é o Grande Poder, a Mente Universal ordenando todas as coisas, masculino; e a a outra, [é manifestada] de baixo, o Grande Pensamento, feminino, produzindo todas as coisas. Daí o

L

emparelhamento de um com o outro, eles unem-se e manifestam a Distância Média, incompreensível ar, sem começo ou fim. E nisto está o Pai, que sustenta todas as coisas, e nutre essas coisas as quais possuem começo e fim” [Veja “Simão Magus” - *Simon Magus*, de G.R.S. Mead]. Assim, é possível compreender que a manifestação é resultado do princípio positivo e negativo, um atuando sobre o outro, e isto ocorre no plano médio, ou ponto de equilíbrio, chamado *pleroma*. O *pleroma* é uma peculiar substância produzida da combinação do *Æons* espiritual e material. Do *pleroma* individualizou-se o Demiurgo [*Demiurgus*], o mortal imortal, o qual é encarregado de nossa existência física e do sofrimento que devemos suportar para com ele nos conectarmos. No sistema Gnóstico, três pares opostos, chamados *Syzygies*, emanaram do Eterno. Estes, somados a Ele, formam o total de sete. Os seis [três pares] *Æons* [princípios divinos, vivos] eram descritos por Simão na obra *Philosophumena* da seguinte maneira: os primeiros dois eram Mente [*Nous*] e Pensamento [*Epinoia*]. Então veio a Voz [*Phone*] e seu oposto, Nome [*Onoma*], e por último, Razão [*Logismos*] e Reflexão [*Enthumesis*]. Desses seis primeiros, unidos com a Chama Eterna, surgiram os *Æons* [*Anjos*], que formaram os mundos inferiores com a orientação do Demiurgo [*Demiurgus*]. [Veja os trabalhos de H. P. Blavatsky]. Como este primeiro Gnosticismo de Simão e Menandro [*Menander*], seu discípulo, foi ampliado, e frequentemente distorcido por adeptos posteriores ao culto, deve agora ser considerado.

A Escola do Gnosticismo era dividida em duas grandes vertentes, comumente chamadas de Culto Sírio e Culto Alexandrino. Essas escolas convergiam em essência, mas a última era mais inclinada ao panteísmo, enquanto a primeira era dualística. Enquanto o Culto Sírio era amplamente Simoniano, a escola Alexandrina surgiu das deduções filosóficas de um talentoso Cristão Egípcio, de nome Basílides, que afirmava ter recebido suas instruções do Apóstolo Mateus. Como Simão, o Mago, ele era um emanacionista, com inclinações Neoplatônicas. De fato, todo o

Mistério Gnóstico é baseado nas hipóteses da emanação como sendo a conexão lógica entre os irreconciliáveis opostos do Espírito Absoluto e da Substância Absoluta, as quais os Gnósticos acreditavam coexistir na Eternidade. Alguns asseveram que Basílides foi o real fundador do Gnosticismo, mas há muitas evidências de que Simão, o Mago, formulou seus princípios fundamentais ainda no século precedente.

O Basílides Alexandrino infundia o Hermeticismo Egípcio, o ocultismo Oriental, a Astrologia Caldeia, e a filosofia Persa em seus seguidores, e suas doutrinas buscavam unificar as escolas do Cristianismo primitivo com os Mistérios pagãos antigos. A ele é atribuída a formulação daquele peculiar conceito de Divindade, a qual carrega o nome de *Abraxas*. No debate sobre o significado original desta palavra, Godfrey Higgins, em seu “*Druidas Celtas*” [*Celtic Druids*], demonstrou o poder numerológico das letras que formam a palavra *Abraxas*, que quando somados resultam no número 365.

O mesmo autor também notou que o nome Mithra [*Mithras*], quando analisado de maneira similar, apresenta o mesmo valor numérico.

Basílides compreendia que os poderes do universo eram divididos em 365 *Æons* ou ciclos espirituais, e que a soma de todos eles juntos era o Pai Supremo, e a ele deu o nome Cabalístico de *Abraxas*, como sendo símbolo, numericamente, de Seus poderes, atributos e emanções divinas.

Abraxas é usualmente simbolizado como uma criatura composta, com um corpo humano e uma cabeça de galo, e com cada uma de suas pernas terminando em uma serpente. C.W. King, em sua obra “*Gnósticos e suas Relíquias*” [*Gnostics and Their Remains*], faz a seguinte descrição concisa da filosofia Gnóstica de Basílides, citando só escritos do antigo bispo e mártir Cristão, São Irineu:

“Ele assevera que Deus, o incriado, Pai eterno, trouxe primeiro Trouxe *Nous*, ou *Mente*; desta, o *Logos*, *Vocabulo*; desta, *Phronesis*, *Inteligência*; de *Phronesis* originou-se *Sophia*, *Sabedoria*, e *Dynamis*, *Força*.